

Ergueose assi temerosa
Vionos, não fez disso estima
Foy subindo o valle acima,
Da mudança mais fermosa.

Os outros, que aconhecerao
Muyto menos se espantarao,
E quanto mais a louvarao
Menys della me disserao.

O nome só me ficou,
E aonde morava n' Aldea,
Soube, que o nome era Althea
(Triste, & quanto me custou)

Chegamos-nos ao lugar
Vimos as festas do dia,
Qual cantava, & qual tangia
Qual se despia a lutar.

Muytos que me conheciao
Que era eu nisto o mais gabado
A conta do meu cuydado
Quantas cousas presumiao?

Acabaraose os folgares
E a luta já noyte escura
Soavam pela espessura
Os arrabis, & os cantares.

Eu que por nada atentey
Com o meu cuydado primeyro
Com elle por companheyro
Acabana me torney

E passando pela porta
A minha bella inimiga
Fuy dizendo esta cantiga,
Que inda o lembralla me corta.

Cantiga.

Minha antigua liberdade,
Que a pesar de amor poupey
Fá por huma vista a dey.

Volta.

Em quanto não conhecia
Este bem, que me esperava,
Do mesmo amor aguardava
Mas para quem não sabia
Negavame a fantasia
Mas já dos meus olhos sey,
Que para vós a guardey.
Assomou ella a hum postigo
Que sobre o valle ficava,
Eu que vi que se to nav^a
Estas palavras lhe digo.

Não me tire esse receyo
O bem que me offrece amor,
Que he, quem ouves hum pastor
Cuja alma atras ty se veyo.
E assim mal pode offenderte
Quem te entregou seu poder,
Que nada podes temer,
Com razão senão for verte.

Ah (disse ella, & suspirou)
Não fora cousa muy fea
Servir-se de huma alma alhea
Quem a propria cativou.

Porém vive em teu socego,
Pago com desenganarte
Faze emprego noutra parte
Porque eu noutra fiz emprego.

Dexoume tras isto assi
E tal me deyxou sem vella,
Que com o sentido emperdella
O das palavras perdi.

Fuyme até a cabana então
Cubiçoso de meus damnos.
Sem curar de desenganos
Mais que de minha affeyção.

Mudey o pasto a meu gado

Para

Para onde ella o seu trazia,
Alli mais vezes a via,
E ouvia ella o meu cuydado.

E nunca outro fruto deu
Isto em seus olhos serenos (nos
Mais que ouvirme, everme me
E eu ficar sempre mais seu.

Veio ella a suspeytar
Ou soube do cutros pastores
Que já nestes meus amores
Se fallava no lugar.

Hum dia andava entornando
As cabras a hum semeado
Pegoume alli do cajado.

Disseme quasi chorando

Floricio que amor pretendes,
De quem tem n'utro as raizes,
E se me amas como dizes
Porque nesse amor m'offendes?

Que esperanza, ou que final
Queres pastor que te dê?
Se a outrem devo esta fê
De que já presumem mal.

Pois já minha liberdade
Senhorio, & jugo tem,
Naõ des causa a que ninguem
Falle em minha honestidade.

Outra pastora acharas
Mais discreta, mais fermosa
Com amor mais venturosa
Do que a triste com que estas.

Aceyta per preço agora
Dessas mostras de affeyção
Que te dera o coração
Se de outro pastor naõ fora.

Ella julgava milhor
Que me vio qual eu fiquey

E assim dalli me torney
Sem voz, sem vida, & sem cor.

Ficou sem pastor meu gado
E exala a forte ordenara
Que sem vida alli ficara
Quem ficou desesperado.

Neste tempo huma pastora
Entre muytas principal
Por quem Montano anda tal
Qual tu ves andar agora,

No meu pasto apacentava
Nelle tratava, & vivia
E o que della naõ queria
Me offerecia, & mostrava.

Vio-me andar, que e scacamente
No cajado me de tinha
Das forças, da cor que tinha
De tudo em fim diferente.

Pelo que nella imprimira
A força da mesma dor
Mas naõ sabendo que amor
Nem aparta, nem se tira

Decia eu daquelle monte
Quando o Sol ardia enfragoas
Fuy a fonte a beber agoa
E quasi secava a fonte.

Tapoume, & disse essa sede
Floricio naõ vem da calma,
Naõ (disse eu) que nasceo dalma
Que agca dos olhos me pede

Tornou ella, & justamente
Essa pena te convem
Pois procurando ourro bem
Engeyta o que tens presente.

Deyxa males taõ sem cura
Que o tempo os naõ remedeia,
Que naõ he Tirsea tão fea

*Como a encontra a ventura ,
 Disse isto , & como corrida
 Se tornou para o seu gado,
 E eu estive indinado
 Por lhe chamar de atrevida
 E fiz-me em fim tão ingrato
 Depois disto acontecer ,
 Que tão só pela não ver
 Trago as cabras neste mato
 E agora vendo a mudança,
 E os enleos da ventura*

*E que he tão pouco segura
 Como a vida a esperança.
 Vendo Althea firme só
 Tirsea em meu damno firme
 Em buscarme outra em fugirme
 D'huma hey queyxas doutra dó.
 E de minha triste sorte
 Já não tenho outra garida
 Mais que sustentar a vida
 Nas esperanças da morte.*

T Al ficou o namorado Floricio no fim da historia , que com muytas lagrimas acabou , que o sentimento de o ver emmudeceo a Lereno de maneyra , que nem para o consolar se lhe offerecião palavras , & porque tinha entendida a firmeza de Althea , & não se atrevia a remetter às mudanças do tempo o remedio de seu mal , entre esperança , & desenganho buscou este meyo de aliviar sua pena. A' tantos dias , que tenho entendido teu coração pela experiencia do que padeço , que me não move a novidade do que agora te ouvi , antes julgo , que tens melhor estado do que suspeytava. Deyxas Tirsea, Pastora fermosa, discreta, & rica , a que n todos pertendem, & amas Althea, que ainda outrem não possui, posto que ella te desengane , & de quem tens conhecido que te aborrece; & pois amigo Floricio , ninguem ha tão lenhor da ventura, que a sujeyte à sua vontade, vive contente da ventajem, que tens a muytos , & não te trates como o mais triste da Aldea. Esse conselho Lereno (tornou elle) he de verdadeyro amigo; mas este meu mal não sofre consolação , que importa quererme quem a todo o mundo despreza , se ordenou a sorte, que eu amasse a quem por outrem me deyxas , & que me val , que a ella ninguem possuia , se póde tanto com ella a firmeza em ausencia de outrem , como em mim a presenca de sua visita , & que mayores mostras póde dar, de que me aborrece que foge de me ouvir, & de me ver , & busca todos os meyo de desenganarme ; & pois como tu dizes , ninguem tem a fortuna tanto

tanto á seu mandado, que lhe faltem queyxumes della, quero antes estas, que o mais que Tirsea me offerece, deyxame ser triste, que para isto nasci. Fazes tuas contas tanto contra ti (respondeo Lereno,) que tendo o remedio de teu mal por impossivel o não procuraras da fortuna, & às vezes a esta conta por sem muytas esperanças mal logradas. Tentey já tantas vezes os meyo de minha cura (replicou Floricio,) que a não espero do tempo, que a tantos a promette, & pois o he já de recolhermos o gado, deyxemos meus males para outro dia, que como são largos para o padecer, tambem ao contar serão compridos. E com isto deyxaraõ o valle à laudade da noyte, & forão buscar o descanço de suas cabanas, se nestas o acha, quem em nenhum lugar esquece a ventura.

FLORESTA SEPTIMA.



Epois, que a noyte se despedio das Estrellas, & a fermosa Aurora em seu rotado carro começou a campear os orizontes, levantados os Pastores de seu repoulo, se repartirão da Aldea nos costumados exercicios de seu gado. Riseo, Lereno, & Floricio, se ajuntarão perto do rio à vista dos rebanhos, aonde para que gastassem a manhãa em faborosa pratica, disse aos companheyros, aindaque os pensamentos, que de noyte representa a fantezia não costumão parecer ao outro dia, merece ter ante vòs hoje lugar huma duvida, que esta madrugada se me representou no entendimento, que me deyxou hum grande desejo de saber della a verdade, & he. Qual terá mayor pena, & razão para viver sem esperança, quem ama huma Pastora, que nunca loube de Amor, nem della se obrigou? Ou quem ama outra, que de sua vontade tem feyto emprego em hum Pastor, de que vive ausente? Duvidosa he (disse Riseo) a questão, & cada hum desses estados perigoso; porèm nenhum delles me obrigará a desesperar. Com tudo, antes me atrevera a obrigar, a quem já das payxoens de Amor tem conhecimento, que a conquistar de novo huma vontade rebelde a seu Senhorio, porque a primeyra empreza he induzir huma
vontade

vontade affeyçoada aos mesmos effeytos, de que já se obrigou. E a segunda he obra do poder, & força de amor, a quem os antigos attribuirão este senhorio. Boa era essa razão [responde Floricio] le essa vontade affeyçoada de que fallamos, não tivera feyto emprego, com quem ausente occupa o mesmo lugar no coração; & assim menos força se faz, induzindo Amor em hum peyto humano, cousa tão natural nelle, que destruiro que já na alma tem feyto asiento. Em verdade (tornou Rifeo,) que muyto confias na firmeza das mulheres, pois nellas fazes differença entre ausente, & esquecido: & eu ousarey afirmar, que ainda presente não ha nenhuma em quem o amor esteja seguro, que são tão inclinadas a novidades, & mudanças, que desconhecem affeyção, & merecimentos. Se tu as conheces a todas (tornou elle) por tão inclinadas a novidades, porque se não obrigarà tanto dellas a que tem Amor, como a que nunca o teve. Porque (replicou Rifeo) a que tem affeyção não tem firmeza, & a que vive isenta vive de pertinacia, para que sua natureza siga sempre extremos: & se huma mulher se não obriga de sua vontade, ou appetite, he impossivel conquistalla ninguem com serviços, que por ficarem sempre senhoras de sua liberdade, & da alhea, só de si aceytão a sujeyção. Não cuydey (disse Floricio, que com muyta attenção os escutava) que eras tão inimigo das Pastoras, que com sua infamia abornasses tua opinião, que essas razoens servem mais de as offender, que de confirmar o teu parecer, antes te conhecia por homem affeyçoado, & que sentia bem de cuydados amorosos. Não te enganas (disse elle) porque mais tempo gastey já em as servir, do que agora em dizer esta verdade, & dirás, que como quiz já bem a quem conhecia com tanto mal, pois não sómente a affeyção, mas tambem o appetite nasce das coulas que melhor nos parecem; porém mayor desculpa disto he a falsidade de suas palavras, & o fingimento de seus effeytos, do que a culpa do meu engano. Esse (disse Lereno) he o mayor, & mais pareceo vingança de agravo, que praga de homem defaffeyçoado, & se assim he, eu por sua parte appello, & te rogo, que deyxemos a questão para outro tempo, que agora melhor lerà para escusar, o arrependimento, que depois te

póde custar muyto, que cantes alguma cantiga de seus louvores, & ficando com ellas reconciliado, daràs alivio à melancolia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) querote obedecer, & cantarey louvores das Pastoras, de quem cantando tão mal fico vingado, & tomando a Lira cantou o seguinte.

Quem fermosas pastoras vos offende,
Erra, endoudece, cega, & desatina;

Quem a vossos poderes não se inclina,
Não deseja, não vive, não se entende.

Quem mais que vossó Amor busca, & pretende,
Em seu damno se esforça, & determina;

Quem mais que em vos servir sempre imagina,
Nem vos sabe querer, nem vos comprende.

Vos dais o ser, & a graça à fermosura,
A vida gesto, à Amor o senhorio;

A's almas sojeyção, força à vontade;

Sem vós que presta Amor, o que val ventura,

O juizo, o querey a liberdade

He engano, doudice, & desvario.

Offensas que rendem tão boa satisfação (disse Lereno) não sómente contentiremos nellas, mas ainda viremos a desejalas, logo me pareceo que quem dizia os males tambem, os bens diria melhor. A ti devem ellas a cantiga (disse Rifeo,) & a mim outra tenção; & pois em seus louvores se gastou tão mal o tempo, passemos de outra parte do rio a ver a festa, que hoje fazem as Ninfas, & Pastoras dedicadas a Diana, que he là toda a Aldea, & não se podem perder os folgares deste dia; & pegando pelo cajado a Floricio o fez levantar, & a Lereno traz elle, & todos tres guiãrão para o lugar da festa, que era junto ao Templo de Diana, no mais fundo do valle entre os arvoredos, que cercão o rio, & por onde hum gracioso ribeyro lhe entrega as crystalinhas aguas, que traz do pé da montanha; & porque toda a relva, que à sombra das bolicosas ramas florescia, estava chea de Pastores; parãrão

pararão os companheyros ao pé de huns salgueyros, aonde ouvirão cantar duas Pastoras vestidas de verde em companhia de Menalio, que não estava pouco loução entre ellas, & em graça dos ouvintes forão adiante com mais confiança, & a cantiga era esta.

Desejo o que não mereço,

E o que não posso esperar,

Mas não sey não desejar.

De quanto pede a vontade

Nada a sorte me assegura,

Mas nem faltando a ventura

Se lhe nega a liberdade;

Ponho em desejos o preço

Do que não posso alcançar,

Em mim proprio me conheço,

Mas não sey não desejar.

Do que desejo em meu damno

Só nascem males que vejo,

Que logo atras do desejo

Se me encontra o desengano;

Em fim desejo, & não peço

O que amor não me hade dar,

Bem vejo que o não mereço,

Mas não sey não desejar.

Muyto pôde a confiança

Na fé do muyto que quero,

Mas não vivo do que espero,

Porque acabou a esperança:

Cançome em desesperar

Bens, que sey que não mereço,

Porém cada hora começo

A querer, & a desejar.

B Em cantavão as Pastoras, & merecião a sua confiança, & outros começavaõ a louvallas, quando se lhe ajuntarão muytos dos Pastores, que estavam derramados pelo valle, pela fama, que delles tinham, com a esperança de ouvirem cantar; porém não o esperava hum porcariço montanhez, que alli veyo, & se offerceco logo para cantar em porfia, pondo por preço a quem o venceffe huma trauta de corniolo, no som, & no feytio tão estranha, que tocando-a o montanhez, ficãrão todos espantados, & muyto cobicofos, & nella estava lavrada com muyta subtiteza a historia de Argos, & Mercurio cõ a Vaca, & posto q̃ o preço fez enveja, não houve quem lhe sa hille, mas todos lhe pediraõ, que cantasse, o que elle fez muy facilmente com os olhos em huma das Pastoras, que alli trouxera.

Pastora

P Astora do verde
 Das duas mais bella
 Tem ditosa estrella,
 Quem por vós se perde.
 Vossa fermosura
 Tão mal conhecida
 Como me deu vida,
 Me darà ventura;
 Ditoso partido
 Para meu desejo
 Ganhar no que vejo
 O ficar perdido.
 Porque conheceo
 Bem vossos primores,
 Percasê de amores
 Quem nada perdeo.
 Livre vos offreço
 Este coraçãõ,
 E os olhos dirãõ,
 Que querem por preço.

Não no desprezeis
 Por quem volo da,
 Porque nelle esta
 O que mereceis.
 Vereis n'hum porquey
 Fe muyto mayor,
 Porque o fez Amor
 Firme; & verdadeyro.
 Bayxa natureza
 Por vossõ a mudey
 Que se amor he rey
 Pode dar nobreza.
 Não perca a coroa
 Sõ por meu respeyt,
 Pois que amor perfeyto
 Não guarda a pessoa.
 A affeyçãõ ditosa,
 Que de amor vos trata,
 Não sejais ingrata,
 Sereis mais fermosa.

C Antou o da montanha com huma vóz tão rouca, & defen-
 toada, que entre todas ficou em graça a sua confiança,
 polto que a letra não pareceo mal, & Menalio se não pode
 ter, que com muyto rizo não dislesse aos outros: Bofé, que es-
 tà tão mal empregada aquella frauta, que já me arrependo
 de não sahir ao desafio, porém se elle agora o quizer aceytar,
 fallo-hey eu de boa vontade, pela pouca que ella terá de estar
 em seu poder. A isto respondeo o Montanhez, (que ouvia)
 Enganate a tua cobiça, que isto he o que ella costuma; mas
 se puzeres outro premio, que ignale ao meu, não torno atraz
 com a palavra, que disse, que bem fey, que os Cabreyros deste
 monte não tem mais que enveja do bem alheyo, quando o
 menos merecem alcançar; & porque não cuydes, que receyo a
 contenda, te desafio de novo a cantar, & me atrevo a vencer,
 se essa Pastora a quem offereci a primeyra catiga houver esta
 por sua. Qualquer, que tu disseres (respondeo ella) folgarey
 muyto

muyto de te ouvir, que não cantas tão mal, que me não pareças bem; não durou muyto tempo este engano ao porcarico, porque virão correr todos os Pastores para a porta do Templo, & forão os da companhia até ver o que era, & no frito do portal appareceo huma taboa dourada, que entre muytos debuxos tinha entalhadas estas perguntas, & sobre ella os premios deputados, para quem melhor lhe respondesse.

Pr. 1.

Quem ama sem esperança,
Se ama mais perfeitamente?

Pr. 2.

Se pôde aver puro amor,
Aonde faltar a razão?

P. 3.

Que parentesco chegou

Tem o amor, & o Ciume?

Pr. 4.

Se dara perfeitada gloria,
Bem gozado com receo?

Pr. 5.

Se se pode achar belleza,
Aonde falta entendimento?

FOy tão grande o alvoroço dos Pastores com as questões, & era tão geral o desejo de logo ouvirem as differentes opinioens, que havia no ajuntamento, & alguns de darem os pareceres a que se inclinavão, q̄ sem verem as folias, & danças, que rodeavão o valle, todos occorrião às razoens com os que lhe ficavão de mais perto. Mas subitamente emmudeceo esta borbordinha, & tumulto, quando correndo-se huma cortina, d'entre o coro das Ninfas de Diana, começou a cantar Sylvia suspendendo de improviso os animos de todos não só com os acentos de sua voz; mas com o estranho parecer de sua fermosura, a vista da qual pagou Rifeo as culpas da izenção passada, ficando tão obrigado de sua gentileza, como arrependido do tempo, em que não servira as perfeições, que nella contemplava em quanto a ouvia, & com ella a discreta Midalia menos confiada no parecer do rosto, que na luteleza, & graça de seu entendimento, diziaõ desta maneyra.

Syl.

Ninfas deste alto rio
Driades, Faunos, Satyros, Sylvanos;
Que aqui neste desvio

Gozais

Gozaís da longa idade eternos annos,

Ouvi todos meu canto

Digno de tanta inveja, como espanto.

Mid. Vos feras da montanha,

Vos lascivas manadas deste prado,

E qualquer ave estranha,

Que fere o ar com vo-o levantado,

No fundo deste valle

Ouvindo a minha voz de espanto calle.

Syl. Os cavallos lustrosos

Detenha o louro Sol nos Orizontes,

E os ventos furiosos

Dem comprido silencio nestes montes,

As ondas se detenhaõ,

E as agoas por me ouvir seu curso tenhaõ.

Mid. As mimosas abelhas

Deyxem brando suçurro; & tenras flores,

E a guarda das ovelhas

Os rudos pegureyros, & os pastores,

E por me ouvir attentos

Suspendaõ sua força os elementos.

Syl. Aonde for ouvida

A minha voz d'entre estes arvoredos

Daquella rocha erguida

Meu nome se ouvira dentre os penedos;

E com sonoro acento,

Silvia delles dira fallando o vento.

Mid. Os ledos passarinhos

Mudos s bre estas arvores sombrias

Dos pendentés raminhos

Retratando se estaõ nas agoas frias,

E o meu verso acabando

Midalia com saudade estaõ chamando.

Syl. D'Amor livre, & izenta

Vivo seguindo as feras na espessura,

Nada mais me contenta

Que não pagar direytos a ventura,

Servindo por senhora

Aquella casta bella caçadora.

Mid. Os peyxes deste pego

Prendendo astutamente em seu remanço

Zombando de Amor cego

Somente em meu querer vivo, & descanço;

De amor o senhorio

Tenho por graça, engano, & desvario.

Syl. Fogi de Amor tyrano

Pastoras deste valle ameno, & verde,

Fogi seu cego engano,

Que o que nelle mais ganha mais se perde,

Porque só nosso estado

He ditoso, contente, & invejado.

Mid. Os bens que amor na terra

Promete em sombras vans ao pensamento,

Na conquista são guerra

No fim são todos sombra, & todos vento,

Só nossa vida amada

He ditosa, segura, & bem fundada.

A Cabada a musica, que a todos deyxou suspensos, houve huma travada luta, no fim da qual, como não durava o sossego nos Pastores para verem o successo das celebradas perguntas, & era mayor o reboliço, com que furioso Montano, que andava fazendo desatinos, & vendo a taboa, accrescentou esta às mais perguntas, que não deu à festa menor graça, que as cinco primeyras.

Se quem perdeu a ventura,

Que Amar pos em seu poder

Tem razão de endoudecer?

E Logo em hum lugar alto appareceo huma Ninfa cuberta de hum véo roxo, & na cabeça huma grinalda de flores, & esta recebendo de todos, os pareceres, os leo depois em alta voz com muyto gosto, & applauso dos Pastores, q̃ em quieto silencio estiverão ouvindo o seguinte.

Re-

Resposta de Ardenio a pergunta primeira.

Quem ama sem esperanza
Se ama mais perfeytamente?

Ninguem ama sem querer,
Ninguem quer sem esperar,
O que ama, espera, & quer
Podera nunca alcançar,
Mas sempre hade pretender.
Se a era lhe falta a planta
Em cujo tronco se arrime,
Nem crece, nem se alevanta,
Que em fim não tem força tanta,
Que se alevante, & sublime.

E se amor lhe faltara
Esperança que o sustente,
Na raiz propria secara,
E inda não sey se brotara,
Ou se afogara a semente.
De sorte que em qualquer peyto
Sem esperanza, ou favor
De seu desejado objeyto
Não so falta Amor perfeyto,
Mas falta de todo Amor.

Resposta da Pastora Dinarca à mesma pergunta

Amor, que a proprio respeito
Todo o desejo offerece,
Só por seu gosto, ou proveyto
Não se chame an or perfeyto,
Antes perfeyto interesse.
Amor he sómente amar,
Este he seu meyo, & seu fim,
E o que o pretende alcançar
Nem se hade lembrar do fim,
Nem do que pode esperar.
O que he verdadeyro amante
Não se funda na esperanza,
Só seu querer paem diante

E se por ventura alcança
Sem ventura he mais constante;
Quando n' alma huma belleza
Mostra seu rayo invencivel,
E amor seu preço, & grandexa
Não faz diferente impreza
Entre facil, & impossivel.
E he já cousa averiguada
Que sómente este rigor
Merece ante a cousa amada,
E o que quiser mais de Amor
Não quer, nem merece nada.

Resposta de Rifeo a segunda pergunta.

Só pode aver puro Amor
Aonde faltar a razão?

Porque Cupido he senhor
A quem nada ha que resista;

Como forte, & vencedor
Na alma, que a força conquista;

Tudo converte em amor.

Naquelle que se lhe entrega

Fiqua igual a sojeyção,

Nada a seu braço se nega

E cega logo a razão,

Que aonde amor he grande cega.

Daqui podeis conhecer

Que delle esta bem seguro

Quem a razão não perder,

Que Amor verdadeyro, & puro,

Puro, & sem ella ba de ser.

Resposta de Floricio à mesma pergunta.

Afrouxese o pensamento,

Que duvida em tal clareza,

Pois não pode haver pureza

Aonde falta entendimento.

Amor, desejo, affeyção

Na razão tem seu limite,

Vontade, gosto, appetite

Não se regem por razão;

A razão obriga a amor,

A razão sustenta Amor,

E aquelle que amar me'hor

Por razão se ha de guiar,

Por isso viva seguro

O que sem razão, tem perigo.

Que em quanto a razão for cega

Nunca amor pode ser puro.

Resposta de Rifeo à terceyra pergunta.

Que parentesco chegado

Tem o amor, & o ciume.

Amor como se presume

Ouve por certa affeyção

Hum filho da occasião

A que chamaram ciume.

He igual ao pay, & mor

Que a may com muyta grandexa,

Palreyro por natureza,

Que em fim he filho de Amor.

Ve muyto aonde quer que vay,

Não voa, antes he pezado,

Em qualquer parte tocado

Tem o topete da may.

Vive d'enganos que faz,

E anda nelles de contino,

E como Amor he menino

Tambem o filho he rapas.

Da ao pay sempre ma vida,

E assim não me maravilho

Que desconheção por filho,

Porque Amor mesmo duvida:

Resposta de Egerio à mesma pergunta.

Estes Irmãos desiguais,

Ambos de Venus nascerão,

E tiranos se fizeram

Do imperio de seus pais.

Nascerão

Nasceo de Vulcano cego
O ciuime, & logo entao
Tomou a cargo este Irmao,
A quem nunca deu socego
E parecia acertado,
Que hum filho que tal parece,
Da fermosura nasceffe,
E de hum pay desconfiado.
Ambos nascem juntamente,
E vivem fazendo damno;

Hum com redes de Vulcano,
Outro com seu fogo ardente.
Seguem differente fim,
E vivem sempre em perigo,
Cada hum do outro inimigo,
E acompanhaõ sempre assim.
Mostre por prova melhor
Que he o contrario presume,
Se vio Amor sem ciuime,
Ou ciuime sem Amor?

Resposta de Lereno à mesma pergunta.

Nestes dous naõ a liança,
Nem pode aver amizade,
Que hum he filho da vontade,
Outro da desconfiança.
Hum he nobre, ainda que agora
Degenere do em que estava,
Ciuime he filho d'escrava,
E amor filho de senhora.
E claramente se apura
Ser o outro escravo seu,

Porque em dote se lhe deu,
Casando com a fermosura,
Servio de guia, & dá fe
Mil vezes falsa, & errada,
E porque Amor naõ vê nada
Lhe mostra mais do que vê
Da senhora, & do senhor
Quem já conhece o costume
Sirvase bem do ciuime
Porque he escravo d' Amor.

Resposta de hum Pastor, que callou o nome,
à quarta pergunta.

Se darà prefeyta gloria

Bem gozado com receo?

Bem em descanço alcançado
Já se naõ tem por alheo,
Mas bem gozado em receyo
Dà gloria, & gosto dobrado.
No bem, & gosto que alcanço
O receo o faz mayor,
E naõ ha gloria d' Amor
Sem receo, & com descanço.

O que à vontade se tem
Goza-se, & naõ se conhece,
O que na gloria esmorece
Goza o verdadeyro bem.
Naõ ha gosto sem contenda,
Nem ha bem sem custar muyto,
Nem gloria, que de mais frute,
Que a que melhor se defende.

Resposta de Tirsea à mesma pergunta.

Não podem chamar ventura
A que he sojeyta a mudança
Nem ao bem quando se alcança
Em gloria pouco segura.
E como contrarios são
O receo, & mais o gosto,

Hum ao outro contraposto
Pellejaõ no coração.
Vivem sempre neste enleo,
E nenhum leva a vitoria,
E se às vezes vence a gloria,
Mil vezes vence o receo.

Resposta de Menalio à quinta pergunta, & ultima.

Se se pode achar belleza
Aonde falta entendimento?

O que a vista representa
Huma viva imagem bella
Obriga, move, & contenta
À qualquer vontade izentra,
Que está contemplando nella.

Sò ao que òs olhos se offrece
He o bem que Amor pretende,
E a belleza que conhece;
Pois he bello o que parece
Sem respeytar o que entende.

Resposta de huma Pastora sem nome à mesma
pergunta.

Não he muda a natureza
Nas graças que communica,
E em huma estranha belleza
Por lingoas mudas publica
Perfeyçoens de gentileza.
O olhar por movimento,
O rizo, o passo, a cautella
Faz que crea o pensamento
Que aonde falta entendimento
Nãõ pode haver cousa bella.
A belleza principal
No juizo se assegura,
Noutro modo està tão mal

Como a fermosa figura
Tirada em bayxo metal.
Este falso sobredito
Sò de nescios estimado
He retrato bem pintado,
Que como lhe falta espirito
Nãõ pode ser conversado.
Na graça consiste a alma,
E o ser da cousa fermosa,
O parecer fica em calma,
Sayba quem sò a elle goza,
Que goza hum corpo sem alma.

NO fim destes pareceres o teve o dia, apartárao-se os Pastores, ficando para o outro juizo, de quem melhor respondera, & eu o remeto ao do discreto, & curioso Leytor, porque para perguntas amorosas, bastão rusticos Pastores; porém o responder a ellas, com a verdadeyra satisfação, ló a aviltadas Damas, & amantes Cortezãos he concedido.

FLORESTA OYTAVA.

M Inha alma quão receosa,	Porém não façais mudança
Das forças do sof. imento	Por mais que o tempo a perfiga;
Prometeis fé tão custosa	Que amor por pacto me obriga
Ah não sejais animosa	A viver sem esperança,
Que he muyto grande o tormento:	E a tella por enemiga.
E se seguís vosso engano,	Esta esperança perdida
Vede quanto vos importa	Com magoa a alma me cõrta,
Atrevervos a este damno,	Que me deu graõ tempo a vida
Mostrando no desengano	De enganos, mas quem duvida,
Fè viva, esperança morta.	Fè viva, esperança morta.
Bem sey que guardara fé,	Mas companheyra taõ bella
Da fé do muyto que amais	Do que não pude alcançar,
Mas temo que vos percais,	Pois o pede minha estrella
Que Amor respèyta hum porque,	Ainda que morta heyde tella
Que vòs já não respèytais,	Para ter com quem chorar.
Se a sorte corta a esperança	Olhos que por occasiã
A amor juntamente corta	Para meu mal fostes porta;
Pela estreita vesinhança ;	Sustentay vossa payxaõ,
Muy poucas vezes se alcança	E sustente o coroaõ
Fè viva, esperança morta,	Fè viva, esperança morta.

Isto hia cantando o Pastor Lereno por entre muytas arvõres, que enlaçadas de verdes parreyras, fazião ao longo do rio hum graciolo labyrintho, quando pela borda do campo vio vir hum Pastor, que encaminhava para a Aldea, & a espaços, de quando em quando cantava, & pondo acaso os olhos em Lereno, que o elcutou, chegando a elle, depois que se salvãrão, lhe disse: Hum estrangeyro tem desculpa para per-

guntar, & porque eu o sou nestas ribeyras, & venho a saber de hum Pastor, que nellas habita, do qual não sey mais que o nome, como tambem da terra, te peço, que me encaminhes. Fallo-hey (disse o outro) de tão boa vontade, como a com que te estava ouvindo; assentate neste estrada, que a natureza fez tão fermoso, & pergunta o que te aprouver. Sentado o outro, lhe disse: O meu nome he Filenio, sou natural de junto ao Tejo, & de pouco tempo a esta parte apascento em os frescos valles do Lis, & Lena, donde por fazer a vontade a quem me nega a sua, venho a esta Aldea a buscar hum Pastor, que daquellas ribeyras se apartou, a que chamão Lereno, que nestas dizem, que he ahlás celebrado no seu canto; & porque o delejo conhecer, primeyro que elle sayba que eu o busco, te peço, que me digas aonde o encontrarey, & em que lugar desta campina traz o seu gado. Não tardará muyto espaço (respondeo elle,) que para aqui não atravesse o seu rebanho, & daqui o poderás ver elle, & fallarhe a teu gosto; & não o tivera eu pequeno de saber o para q̄ o querias, porq̄ depois q̄ entre nós habita, não sabemos mais q̄ do seu canto, q̄ todos julgão por extremado, aindaq̄ a minha opinião nisto he mais fraca. Tudo te contarey facilmete (disse o outro) se me prometteres o segredo, que a meu intento convem, de modo, que de ti, nem por outrem o sayba Lereno. Promettote (tornou elle,) que se de ti o não fober primeyro, que nem por mim, nem por outro descubra o que me differes. Com este seguro de Lereno, que desejava ver o fim que o Pastor pretendia, começo elle a contarhe desta maneyra.

Nas ribeyras do Lis, aonde para viver sem liberdade, me trouxe do Tejo minha ventura, entre muytas fermosas, & engraçadas Pastoras, que habitão aquelles graciosos valles, & verdes outevros, guarda hũ fato de brãcas, & mächadas cabras a fermosa Lisa, que a meus olhos he a mais discreta, & fermosa Pastora daquellas montanhas, & das que no Tejo apascentão; a esta me inclinou Amor, ou a minha Estrella, & fez me a suas perfeçoens tão sujeyto, que sem onsar descobrihe esse pensamento, não tratava de mais, de que com serviços gearlhe a vontade; veyome ella a mostrar a q̄ tinha a este Lereno,

reno, a quem ama tão de verdade, como eu a sua gentileza, o qual por seu respeito se apartara para estes campos do Mondego, mostrando hum animo assás ingrato a seu amor; mas como este não atenta à femração de quem o despreza, & não consente sossego em quem ama, veyome a pedir com lagrimas a desconfiada Pastora, fiando de mim o que eu só temia, que quizesse passar a estas Aldeas, & dar huma carta ao seu Lerenno. Eu, a quem amor fizera seu sujeyto menos cobiçoso de lhe obedecer, que de alguma occasião para melhorar minha esperança, venho a buscallo, desejando levar em resposta a sua mesma carta com algum engano, em que nos amores de Lerenno a torne desconfiada, fingindo com astutas apparencias meu intento; que posto que nisto commetta fazer engano a quem amo tanto, he o melhor remedio, que posso dar a seu amor mal agradecido, & o ultimo que tem minhas esperanças; para este desejo andar alguns dias encuberto nesta ribeyra, para ver as Pastoras com que trata, os amigos, que acompanha, & o gado que traz. E pois te eu descobri esta determinação, razão será, que me não negues os meynos com que lhe posso alcançar o fim. Não me parece bem (respondeo elle) esse que tu commettes, porque será sómente pôr essa Pastora em ciu- mes, & como estes dão forças ao amor, esse a trará facilmente a viver na nossa Aldea; porem se fmaes verdadeyros lhe puderem tirar de todo as esperanças, & se eu não me engano, Pastora ha nella, a quem elle já deu cartas, ou de essa, ou de outra Pastora, que no Lis o favorecia, & se lhe eu conhecera a letra, bem atrevera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe (tornou o Pastor,) que tenho a vertura na tua mão, & a Lerenno omisiado com Lisea, & se por ti alcanço fim a minha empreza, ficarte-hey obrigado com a vida, & quanto à carta, pelo sobrefeito desta conhecerás a letra da outra; a elle conheceo, & por não consentir naquelle engano feyto a Lisea, tratava o seu com dissimulação. Se tu desejas (disse elle,) que isto se não sayba, convem, que a ninguem mais descubras o que pertendes, nem ainda nomees a Lerenno, porque tem muytos amigos no lugar, & pôdes encontrar com quem deseje mais dar-te essas novas, que a ti remedio; apartate o mais que
puderes

puderes do trato dos pegureyros, & à manhã mais cedo que a esta hora, ao tirar do gado, me acharás neste lugar. O Pastor o levou nos braços, bem alheyo de imaginar, que tinha nelles a Lereño, o qual despedido d'elle, se escondeo entre huns penedos, & abrindo a carta com muyta subtileza, vio que dizia.

A Ti Lereño ausente em cuja vida
 Está a de Lisea que te escreve,
 Com sem razoes tam mal agradecida.
 Roga esta triste a vista que não deve
 Pois o termo que pede meu cuydado
 He nhum comprido mal vida mais breve.
 Tu por vontade ausente, & desterrado,
 Eu preza, & condena-la a meu tormento
 Padecendo innocente, & tu culpado.
 Vence pastor cruel teu duro intento,
 E baste, se esta esperas por vingança,
 Nenhuma culpa, & tanto sentimento.
 Tirana condicão, tirana usança,
 Que castigues de amor hum leve engano
 Com tao pezado mal, tanta esquivança:
 Se eu tive culpa foy de amor tirano
 Que me levou tras ti por força sua,
 E de novo receo o mesmo danno.
 E ainda não foy de amor foy culpa tua,
 Que me levaste a alma que eu seguia,
 E não quero que amor ma restitua.
 Buscava tua ingrata companhia,
 E como me guiava o amor cego
 Fez-me errar o caminho que fazia.
 Mas se he castigo, em fim já me não nego
 Lisea esta a teus pés não te resiste
 Torna pastor ao Lis deyxá o Mondego.
 Depcis que desta Aldea te partiste
 Tambem della foy com culpada;
 Mas ah cruel tu só de mim fogiste.
 Estou entre as pastoras enleada

De Francisco Rodrigues Lobo.

395.

E de ouvir meus suspiros , & meus ays
Cada qual foge já de importunada.
As arvores, as aves, & animais
Ouvindo meus queyxumes , & tristeza
Com não terem razão se abrandão mais.
Perdem estes penedos a dureza,
Tu mais brando que as agoas desta fonte
Sò contra mim mudaste a natureza.
Nem virão mais meus olhos verde o monte ,
Nem claro o Sol depois que te não vejo,
Nem as estrellas vi neste Oriz.onte.
Nem do mongido leyte o brando queyjo
Fiz, nem a nata doce , & laborosa,
Teu he sò meu cuydado , & meu desejo.
Nem colhi mais no valle a fresca rosa,
Nem a roxa viola , & o jacinto,
Nem a branca cessem pura , & fermosa.
Em nenhum gosto, nem bem meu confinto
Depois que me deyxou minha ventura
Naquelle estranho, & cego labarinto.
Sò busco no lugar , & na espessura
A ti Lereno em brados , & responde
Ecco no vaõ temor da noyte escura.
Nomeate outra vez , logo se escunde,
E se me vou tras ella por buscarte,
E lhe pergunto aonde , diz-me : aonde.
Se de novo outra vez torno a chamarte,
E pergunto em que parte ? enternecida
De longe me responde tambem, parte.
Partirey triste em fim , mas quem cuida
Que ache outra fera , & outra caçadora
Que queyra a cada qual tirarme a vida.
Tornar mehev peregrina de pastora ,
Pois o não s'u depois que te não vi,
Que em meu gado se mestra cada hora.
As cabras sem pascer chamam por mim,
Como perdidas já nestes outeyros,

Mas

Corte na Aldea

Mas percaõse tambem , pois te eu perdi.
 Os tenros cabritinhos chocalheyros,
 Naõ parecem saltando sobre as flores
 Nem as mãos se penduraõ dos salgueyros.
 Tem compayxaõ de vellos os pastores
 Que os viraõ já (quiçais com muyta inveja)
 Tu só nenhuma tens de meus amores.
 Torna ingrato Lereño aonde te veja,
 E aonde para te ouvir cantar mais ledo
 O valle , o rio , o monte te deseja.
 Sentado aqui ao pé deste penedo
 A lira tocaras taõ docemente,
 Que em mudeças as aves do arvoredo.
 Faràs deter do Lis claro a corrente,
 Tornar atras o vento furioso ,
 E florecer o valle de contente.
 E depois de cansado , ou de mimoso
 Inclinando a cabeça no meu braço
 Passaras doce o sono saboroso.
 E deste altivo myrtho pouco escaço
 As desejadas flores cubriraõ
 O teu resto, pastor , & o meu regaço.
 Mas para que te chamo triste em vaõ
 Se só para naõ veres a Lisea
 Deyxaste natureza , & condiçaõ ?
 Se esta minha affeyçaõ he que te enlea
 Vejate eu , seja tua esta vontade ,
 E a minha , ou seja tua , ou seja alhea.
 Se outrem possue a tua liberdade
 Tambem sera senhora do que eu tinha
 Seja ao menos amor para amizade.
 E' sou tua Lereño , & naõ sou minha
 Guardarey como escrava o teu rebanho ,
 Que o grande amor a tudo me encaminha,
 Servirey quem te amar pois que mor ganho
 He de quem por humilae te mereça ,
 Que esperar menor paga a bem tamanho.

Mas só não servirey quem te aborrecia,
Que isto não no consente o que te quero,
Nem o fado permita que aconteça
Vem esquivo pastor, ingrato, & fero,
Alcance este querer devido fruyto
Olha com quanta fê, & amor te esp'ero,
E o que custa querer, & esperar muyto.

TInhaó as palavras de Lisea tanta força pela affeyção que
as formára, que não pode o Pastor negarlhe sentimento,
& com alguns suspiros magoados, le queyxava da ventura, at-
tribuindo a ella o desconcerto de seus amores. Ah triste (di-
zia elle) quam grande culpa commetto contra Amor, em ne-
gar affeyção a quem com tanta fé me offerece a sua, & quan-
ta mayor força tem, & fermosura, quem tira a valia a esta ra-
zão! Faça Amor o que quizer de minha vida, & pois elle su-
geytou a vontade, tire de seus poderes a desculpa de meu er-
ro. Se sou ingrato, & desconhecido a quem me ama, não forã
elle tyranno, & cego para usar mal de quem o levantou por
senhor da liberdade. Que pena merece, quem alheyo de si
commette a culpa; eu só padeço sem ella o dextero de minha
ausencia, & as faudosas lagrimas de Lisea. A verdade he, que
Amor vive de seu querer, & não de obrigação alhea, & com
o desejo tyranniza a razão, & porque em males, que a não tem,
le confunde o juizo a cada passo; vinde cà minha rustica san-
fona, cantaremos de meu mal, & darey louvores ao so-
frimento, que o sustenta, pois he verdade, que não mereço
a pena d'elle.

Que labirinto he este de cuydados,
Taõ desiguaes na vida, & na ventura?
Que mananha d'enganos sempre escura?
Que caminho de hum fim taõ desviados?
Se com damnos, & bens taõ encontrados
Cuyda amor, que me vence, entaõ me apura;
Que està minha firmeza taõ segura
Como meus pensamentos levantados.

*Males já dante maõ bem mercedos,
 Não cuydeis que acabais o sofrimento,
 Que nem elle , nem eu não vos estranho.
 Esforcemse na causa os meus sentidos,
 Que tudo cabera n'hum sentimento
 Aonde teve lugar hum bem tamanho.*

Acabando de cantar , ajuntou o rebanho , que andava espalhado pelo valle, & com a vinda da noyte o recolheo, fugindo dos Pastores , & buscando a tristeza só por companhia, que esta he a de quem se fião os cuydados da alma, & a inimiga, que mais contenta a quem sabe conversalla.

FLORESTA NONA.

LM quanto a noyte occupava a terra, & aos animaes o sono, & os Pastores repoulavão para os trabalhos do dia, imaginava Lerenó em a obrigação, que tinha aos cuydados de Lisea, & buscando maneyra de responder à sua carta, de sorte, que quem a levava ficasse seguro, a tornou a ler de novo, & cortando della a capa do sobrescrito, poz em lugar do que tirara, o papel em que respondeo, & ferrando-a com tanta cautella, que se não pudesse entender aquelle engano, junto com a outra carta de Lisea, que ainda tinha, se foy em amanhecendo ao lugar, aonde já o Pastor o esperava, & depois de o saudar, lhe disse: Bem merece o teu cuydado, & diligencia o galardão que pertendes deste serviço, & posto que me debes a principal parte delle, além do gosto, que terey de te ver contente, tambem Lisea me fica obrigada por lhe evitar hum mal, que tanto custa, como empregar affeyção em quem tem a sua penhorada em outra parte. Ves aqui a carta que me deste, & outra que te prometti, tenhas com ellas tanta ventura, como Lisea tem de merecimentos; a ella podes dizer, que achaste esta carta na mão de huma Pastora fermosa, & digna de muyto grandes extremos, & podes affirmar, que a tinha em tão pouco, porque lha dera Lerenó, como a elle estimava, pois que

que lha deus; os meyoſ por onde a alcançaſte fingirás a teu labor, & não te digo quam cuſtoſos forão, os com que a houve à mão, & o riſco em que fico de ſer achado com furto nellas, porque he mayor o que eu faço, que o engano que tu trataſ, ſe alguma hora tornaſ a eſta ribeyra, & quizeres de mim alguma couſa de teu goſto, pergunta por Lereno, & dizelhe, que te leve à cabana de Floricio, que eſte he o meu nome, & aſſim conhecerás a elle, & verás a mim, agora te guie boa Eſtrella, que eu vou acodir às obrigaçoens da minha. Devo tanto à tua vontade (diſſe o outro,) & a eſta obra, que era bem, que deyxando o fim della, fique toda a vida por teu cativo neſta ribeyra, neſta terás do Lis em quanto eu nellas tiver vida, & ſe neſta, que agora me deſte na peſſoa, ou no rebanho quizeres por hum final de como tudo he teu, niſto o darás de homem agradecido, & lançandolhe os braços ao peſtoço, Lereno o levou nos ſeus com a meſma cortezia, & o foy acompanhando até paſſar o valle. Seguiu dalli o outro o ſeu caminho aſſás contente, & Lereno ſe veyo aſſentar perto do rio, aonde bem não tinha ſoſsegado, quando conheceo Althea, que vinha pelos ſalgueyros cantando o leguinte.

S Ofrey coraçãõ
 Vosso ſentimento,
 Vingayvos dos olhos
 Que a culpa tiverãõ;
 Quanto melhor fora
 Enganar ao tempo,
 Que buscar ventura
 Em goſtos alheos!
 Para que ſãõ bens
 Que acabãõ tão preſto?
 Para que he buſcallos
 Quem ſabe perdellos?
 Cuydados de longe
 Matãõ de muy perto,
 Que acorda a lembrança
 Contino o deſejo

Amor tão conſtante
 Tãõ mal ſatiſfeyto
 Fê tão mal pagada,
 Já agora quebremos
 Seca a eſperança
 Cauſa o ſofrimento,
 Fiz força ategora,
 Mas já não me atrevo:
 Qualquer ſombra vãã
 Engana o deſejo
 E tudo ſãõ ſombras
 Porque Amor he cego.
 Ah quem nunca vira
 Por não ver tão cedo
 Quantos deſenganos
 Vem ſobre hum receo.

Ay triste que canço,
 E não me arrependo,
 Nem deixo meu mal
 Com quanto o pragueyjo;
 Gostos, alegrias,
 Glorias, passatemplos,
 Se vos não possuio
 Também vos engeyto

Mais quero meu mal
 Pelo bem que quero.
 Que a vossos enganoso
 Porque vos conheço
 Quero de meus bens
 O mal que me vejo
 Deyxayme sentillo
 Pois também vos deixo.

N Aó esperou o Pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foy encontrar perto do rio, porque era tão affeyçoado às partes, & parecer, que nella via, que nenhuma daquelles campos parecia tão bem nos seus olhos, & pondo-os nella, lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descanso, fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeyção, q̄ farião em quem merecesse a ventura de viver contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a min ha tão feitura da tua parte (respondeo a Pastora,) que bem me devias fazer o engano verdadeyro. Ah Lereno, quero bem, & devo a fé a quem me fugio com a que me devia, canto os males de tua ausencia, & não choro os que de novo me nascem quando te vejo: Fez o Ceo tão conforme o teu proceder com a minha affeyção, que se a que tenho obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera a troca deste desejo, não me negues hum bem que pódem ter meus males, que he veresme, & ouvirte muytas vezes, que para cuydar em ti ha outra cousa, que me alembro; mas para te ouvir, de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o Pastor) sempre o meu me dizia, depois q̄ te vi, quam bem me empregava no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possuiu deves; querer bem à minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperàra alcançallo, encontrando a affeyção de Floricio, de quem eu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuydados, se não loubera os teus do primeyro dia, que entrey nesta ribeyra; porèm te peço, que o não desesperes na satisfação de seu amor, aindaque a tenhas
 pot

por impossível, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tão diferentes fins de seu começo, que já pôde ser, que lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fé merecimento. Quam pouco me estimas (replicou Althea,) que ainda agora me entreguey por tua, & já me dás a outrem? Que escravo ha tão engeytado, que não dure huma hora em poder de seu Senhor? Não virás primeyro em meus serviços, se te contentavão, & em minha fé, se te merecião? Logo me engeytas? Negasme hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? Tirasme a vida, & queres que lha dê por teu respeyto? Ah Lereno, Lereno, a cada qual desvia o seu cuydado: Dame essa mão, & promette, que em quanto não faltarem enganões, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & verás a quanto me obriga o que te quero: Lereno mudada a cor, mostrando, que com receyos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua com hum saudoso suspiro, lhe dizia.

*Nestas mãos juro Althea de quererte,
Sem offença porèm de meu cuydado,
Porque de hum coração que tenho dado,
Não ficaõ mais que os olhos para verte.*

A Mor, que sempre espreyta o tempo para fazer damno, & com o ciume que o acompanha, anda correndo as telhas, que deyxou armadas, trouxe para aquella parte a Floricio, que descia do monte, & conhecendo a Lereno no tom da voz, antes que o divisasse, veyo manlo pela parte do mato, para ver com quem fallava, & ouviu as palavras, com que elle jurava nas mãos de Althea aquella condição, que amor não consente, & não sabendo da causa, mais que o que via, julgando por infiel ao caro amigo, como desesperado, atravessou por diante d'elle, & virando com ira os olhos a Lereno, lhe disse ao passar. De hum fementido baste o conhecimento por vingança, & por mais que o amigo bradou traz elle, espera, espera Floricio, não voltou o rosto, & vendo isto Lereno, se apartou de Althea, & foy a buscallo; porèm cada hum seguio

differente caminho: Floricio tomou para a montanha, suspirando, & mettido entre huns castanheyros, depois que cançou de suspirar adormeceo, em quanto Tirsea com o pensamento nelle, vinha pela fralda do rio cantando esta groza.

*Cuydados assi vos quero,
Que sejais desesperados,
Querovos para cuydados.*

*Quando mór forca mostrais,
Mór dureza, & mór rigor
Na dor com que me tratais,
Então vos estimo mais,
E me pareceis melhor:*

*Só vos podeis verme a mim
Pelo triste fim que espero
Numa tristez.ª sem fim;
Mas se me quereis assim
Cuydados assi vos quero*

*Em qualquer menor tormento
Não tirara de vos fruyto,
Que o que custa ao sofrimento,
Meños, que o meu sentimento
Nunca pode valer muyto.*

*De sorte que na affecção,
Em que vos tenho empregados
Para serdes estimados
He de força, & de razão
Que sejais desesperados.*

*Quando eu de vós pretendere
Hum bem, que a muytos engana
D'outra sorte vos tivera
Amara a quem me quisera,
E não quem me desengana.
Quando vejo arriscados
A mais males, mores damnos
Então vos quero dobrados,
Não vos quero para enganos,
Querovos para cuydados.*

PAssando adiante, encontrou no meyo do valle a Althea suspensa, & triste, pelo que aos dous Pastores acontecera, & tornando a cuydar, que lhe podia succeder algum damno, em quanto a razão estava tão escura, disse a Tirsea, que lhe pedia, que fosse ver o valle acima, pois o ella não podia fazer por hum respeyto, & que ouviria cantar a Floricio, que em extremo cantara bem ao tempo, que ella delcia para o rio; a outra que só nisto tinha o desejo, lho agradeceo muyto, & encaminhada de hum pegureyro, que andava no mato, foy ter aonde o teu Pastor dormia, & sentando-se junto a elle, não quiz quebrarlhe o repouso do sono, antes com a vista curiosa, no pensamento o estava adormentando. Mas como o Pastor adormecera

meçera sem descanso, acordou logo, & com hum grande ay estendeo os braços, & cahindo hum nos braços à namorada Tirsea, ella o recolheo entre os seus, dizendo para elle, (que não ficou pouco espantado de a ver alli) já Floricio, que os descuydos do teu sono me pagão meus cuydados, deyxame este braço para entregar esta alma, do que lhe debes. Ah Tirsea (respondeo elle) bem se vinga amor da vontade, que te devo, como à trayção, que outrem usa comigo, não te quero dar o braço, pois te não satisfazo com o coração, outro dia te descobrirey este segredo, & agora se desces para o godo, acompanyarte-hey. Disto ficou a Pastora mais contente, & não quiz pedirhe, que não dilatasse para outro tempo o que lhe descobria naquelles sinaes, mas pelos que vio da sua tristeza, dissimulou, & delcêrao ambos para o rio. Mas Lereno depois que correo toda a montanha sem achar a quem buscava, encontrou ao pé de hum carvalho o doudo Montano, que estava afeyçoando hum cajado, & chegando a elle, o saudou, perguntando se vira a Floricio. Logo to mostrarey (respondeo elle) que muy perto está de nós, & levando-o a hum penedo, que cahia sobre huns sylvados, que estão no desvio do caminho, o fez subir nelle, & mostrandolhe o vulto de hum tronco mettido entre os ramos, o lançou dalli abayxo, onde ficou bem espinhado das sylvas, & magoado da queda, dizendolhe: Isso te fique em castigo de perguntares por outrem a quem não sabe de si, & com grande rizo, se foy dalli apupando pela montanha. Lereno se tornou ao pé do penedo, aonde entre si fazia estas contas com a vóz bayxa, como que entaó a não fiava mais, que do sentimento.

Que amor figo? que busco? que desejo?
Que enleo he este vão da fantasia?
Que tive, que perdi, quem me queria?
Quem me faz guerra, contra quem pelkejo?
Foy por encatamento o meu desejo,
E por sombra passou minha alegria,
Mostroume Amor dormindo, o que não via,
E eu ceguey do que vi, pois já não vejo:

*Fez à sua medida o pensamento
 Aquella estranha, & nova fermosura;
 E aquelle parecer quasi divino.
 Ou imaginação, sombra, ou figura
 He certo, & verdadeyro meu tormento,
 Eu morro do que vi, do que imagino.*

D Alli se foy Lereno ao gado, & o recolheo buscando a tristeza da noyte para mais largo queyxume de sua estrela, que não lhe dava hum mal sem companhia, nem lhe soffria ter outra, que fizesse menor o sentimento delles.

FLORESTA DECIMA.



SENTIA tanto Floricio a falsidade, que imaginava do amigo, como elle a sem razão de seu engano, cada hum se queyxava de males não merecidos, hum entre si representava quebrada a fé da amizade, que tinhaõ, & offendido o respeyto do amor, com que se tratavão; outro via desagrado seu desejo, deshereditada sua verdade, & sobre tudo perdido tabõ bom amigo. Lereno buscava meyo de descobrir seu intento, & Floricio modos de se esconder à sua desculpa, & fez isto com tanta porfia, que passáraõ muytos dias, em que o amigo seguindo-o com passos, & com a voz o não alcançava, até que desconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade de seu coração, determinou partir-se dos campos de Mondego, & buscar outro lugar a seu desterro; mas como lhe não consentia o coração deyxar a Floricio magoadado, tornou a buscar a Althea, que havendo-o já por descuydado da promessa, que lhe fizera, negava tambem os ouvidos a suas razões; porém como já fora testemunha de tão perto da desconfiança de Floricio, não pode durar muyto esta esquivança. Alli lhe disse o Pastor com muyto sentimento a determinação de sua partida, renovando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado, & lhe pediu, que quizesse em sua ausencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeyto entre elles passára, & que

que depois que tivesse verdadeyro conhecimento de sua fé, tornaria a habitar os campos do Mondego, pois por então os deyxava com muyta saudade; ella que já sentia este apartamento, & muyto mais ser por sua causa, lhe pedia, que se não determinasse tão depressa, & com estas, & outras palavras o aconselhava. Pois en, Lereno, fuy o principio deste mal, não he muyto, que elle seja a causa de minha morte, & eu só culpada nella; mas se tu a podes escusar sem perder muyto, lembrate, que me debes a vida pelo que te quero; se Floricio foge de te ouvir razão, não fujas da que eu tenho para te obrigar. Deyxame pôr em o meyo do perigo, salvarey a tua fé, & a sua desconfiança à custa de minha vergonha; se elle he teu amigo conhecerá facilmente, que o trataes sem engano; se pelo contrario pouco perdes em sua amizade, & eu muyto em tua partida: considera de vagar, escolhe o menor perigo, arrisca-me a todos, como não seja deyxaresme. Tudo fizera (respondeo elle) por teu querer, se o meu não fora tão mal afortunado até para obedecerte, querome apartar desta ribeyra, que com o lugar muytas vezes se muda a ventura, aindaque eu em nenhum a tenho, & o tempo defenganará em ausencia a falsa presumpção de Floricio, & a de meus males, se esses imaginao, que poderão alguma hora vencer o sofrimento; porém se primeyro o queres desimaginar, aqui me tens, com tanto, que não dilates o remedio. Como quem (tornou ella) tem nelle o de lua vida, ficate embora, que eu vou buscar a hum Pastor, de quem fujo ha tantos dias, para deter a outro, que me foje dos olhos, levando nos seus penhores muy custosos de minha affeyção. Com isto deyxou a Lereno dando mil suspiros: Ao tempo que Rifeo vinha para elle, & ouvindo-o, & vendo-o tão triste, lhe perguntou: Que ays são esses Lereno? A quem buscao, & que pertendem? A morte (respondeo elle) para fim de muytos damnos. Queyxume he de muytos (replicou o outro) & de tejo de nenhum. Deyxa agora a payxaó, se alguma te obriga, & vamos cantando aos loureyros daquella fonte, que está para fazer enveja a qualquer sentimento com a melodia dos passarinhos, que a esta hora suspendem os ares com musicos acentos; & parece, que a natureza lhe está alli modu-

lando as vozes, concertando a bayxa do faudofo Melro, com o tiple do musico Royxinol, & sobrelevando em miudos acentos o pintafilgo, servindo de instrumento sonorozo o continuo zonido das abelhas, que andaõ tirando o mel das tenras flores, & o som das aguas, que por entre alvos seyxsos, & ruyva area, vaõ mormurando. A isto se naõ quiz negar Lereno, por naõ descobrir mayores finaes de sua payxaõ, & foy cantando com o amigo esta cantiga.

*Cor dar de contino ais
Dou à vista algum descanço,
Mas com os ais, que da alma lanço
Descanço, por cançar mais.*

<i>A fé, & a razão me obriga Nesta pena que padeço, Por mais que a dor me persiga, Que nunca o que sinto diga, Porque nisso a desmereço. Eu que nunca perco o tino, Em males taõ disiguais Desabafo por finais, Com dar suspiros continos Com dar de contino ais Tenho os ares perseguidos E a voz rouca suspirando. E sentindo os meus gemidos Os penedos sem ouvidos Ficaõ comigo bradando. De huma dor taõ bem sentida Este he o fruyto que alcanço, Mas pois num mal sem medida Fim naõ posso dar à vida Dou à vida algum descanço.</i>	<i>Renovo o meu sentimento, Pois para a morte naõ val, Em gloria deste tormento Vou cevando o sofrimento, Porque dure sempre o mal. Sayaõ suspiros do peyto, Dem ao coração descanço Que eu já vivo satisfeyto Naõ com os prazeres que engeyto, Mas com os ais que da alma lanço. Prazeres que me negastes Quanto per vos trabalhey Tanto a correr me ensinaste; Como em mim naõ descançastes Que nunca mais descancey. Vou correndo sem parar Para o fim que me negais E neste vaõ trabalhar, Naõ canço por descançar, Descanço por cançar mais.</i>
---	---

Pouco espaço depois, se affentãraõ ao pè da fonte, por beberem da agua saborosa; que della manava, ouvindo a porfiosa musica dos passarinhos; viraõ pendurada em hum gancho

cho de hũ loureyro hũa sanfona, q̃ nas costas tinha este letreyro.

*Instrumento contente, que algum dia
Fostes alivio de meu sentimento,
A cujo som suave, & melodia
Ouvio a causa delle o meu tormento,
Ficay prezoz nesta arvore sombria,
Aonde vos toque agora o surdo vento,
Que eu que parço chorando desta aldea
Mal poderey cantar na terra alhea.*

Logo os dous Pastores conheceraõ ser aquelle o instrumento de Floricio, & Lereno, a quem elle na alma tocava, deu hum grande suspiro, & com outros muytos pedio a Rifeo, que o fosse buscar por huma parte da montanha, que elle pela outra faria o mesmo, porque algum grande mal lhe fazia perder a ambos tal amigo. Rifeo o fez assim, & junto da noyte achou a Alhea, q̃ tambem andava nos alcances de Floricio. Deyxemos o que entre elles passou, & o que succedeo a Floricio, & tornemos a Lereno, que naõ esperou mais conselho para a sua desgraça, pois contra ella lhe naõ valia entendimento, & logo em se apartando de Rifeo tomou o caminho para a serra, rlo acima, & de hum oyteyro, que descobre todo o valle, que com a entrada da noyte estava mais laudolo, assim cantava a sua magoa da despedida.

*A Deos ag'as cristalinas,
A Deos fermosos outeyros,
Faias, choupos, & salgueyros,
Lirios, flores, & boninas.
A Deos fermosa lembrança,
Com que em meus males vivia,
A Deos vales de alegria,
A Deos montes de esperanza.
A Deos fermoso penedo,
De quem com tantas verdades
Fiey minhas saudades,
Que me pagastes taõ cedo
A Deos prado, a Deos pastores*

*Vassallos deste amor cego,
A Deos agoas do Mondego,
A Deos fonte dos amores.
Apartome desta Aldea,
Voume fugindo a ventura,
Que nem a minha he segura
Nem esta parece alheia.
Pode ser que cance a sorte
De andar em tanta mudança,
E se a sorte nunca cança
Quicais que descance a morte.
Vume como ares perdida
Nos matos da terra estranha*

Té que os lobos da montanha
Venhão a tirarme a vida.

Mas heja taõ desfigural
O mal de meu coração,
Que os animais sem razão
Sabem fugir de meu mal.

E bem deve ser assi,
Pois em mim se considera,
Que se delle não vivera,
Andara a fugir de mim.

Façase o que amor ordena,
Com direyto, ou sem direyto,
Te que as brazas deste peyto
Faça em cinza a minha pena.

Vamos meus olhos, que he certo
Não estranhardes mudança,
Pois sem a vossa esperança
Tudo parece hum deserto.

Paguemos culpas de hum erro
De que a amor as culpas punha
Que huma falsa testemunha
Nos condenou ao desterro.

Pois mostrar a differença
Fà agora nada aproveyta,
E valeo sendo suspeyta,
Vamos cumprir a sentença.

Vos chorareis de continuo,
E eu com suspiros em vaõ
Irey lançando o pregaõ
De hum castigo taõ indino.

Direy chorando sem fim
Justiça que manda o fado
Fazer n'hum triste culpado
Que deu armas contra si.

De que serve outro socego
Se falta o do meu desejo,
Vamos meus olhos ao Tejo

Fareis como no Mondego.

Fica a Deos, ficate embora,
Floricio tenhas ventura,
E achas se taõ firme, & pura
Como a que perdes agora.

Livre teo Ceo de perigo,
Pois que fizeste em teu damno
De hum amigo sem engano
Por hum engano inimigo.

A Deos Althea, que ausencia
Desengana teu cuydado,
Não queyras de hum desterrado
Fazer nova experiencia.

Eu vou aonde perca a vida
Logra a tua a teu sabor,
E nunca sejais de Amor
Com falsidade offendida.

Pastores que já me ouvistes
Devos a sorte alegria,
Pois que a minha companhia
Não he mais que para os tristes.

Agoas em que já me olhey,
Que com olhos entornava
Quando cantando chorava,
Hum mal que tanto estimey.

Sempre corrais com descança
A sombra de arvores bellas,
E vejais claras estrellas
De noyte em vosso remanço.

Ficay a Deos arvores dos
Fontes, & arvores sombrias
Que em tempo de tantos dias
Não vistes meus olhos ledos.

Lagrimas que aqui ficais
Derramadas com razão
A Deos, que outras nascerão
No lugar donde brotais.



PRIMAVERA

D. E.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Prayas do Tejo.

 FLORESTA PRIMEYRA.


QUEYXOSO da ventura, que o desterrava, cançado de caminhar por terra estranha, desconfiado das esperanças em que sustentava a vida, buscava o Pastor Lereno, lugar aonde acaballa, parecendo-lhe, que cada hora le alargava com as saudades do Lis, aonde nascèra, & da liberdade, que nellas lhe ficàra, magoado das desconfianças de Floricio, que o apartavaõ do Mondego. Chegou a huma montanha das prayas do Tejo em huma tarde graciosa, quando o Sol dos Orizontes se despedia, deyxando as rosadas nuvens envoltas com seus rayos: E em quanto dos altos montes não cahia a sombra escura, assentado em hũ penedo, de cujas entranhas Ecco os saudosos acentos repetia, ao som do vagozoso Tejo, que passava, cantou o seguinte.

O' Tarde

Primavera

O Tarde saudosa
 Que ides aposentando a noyte fria
 Neste nosso Orizonte,
 Mandame amor que conte
 Agora em voz chorosa
 Magoas, que não ficy do claro dia;
 Oucaó minha perfia
 Essas nuvens escuras,
 Que o Ceo mostrava ha pouco prateadas,
 Que não estão seguras
 Por estarem da terra levantadas
 De padecer mudança,
 Que mais alta tive eu minha esperança.
 Ouvime ó arvoredos,
 Que vestidos de triste verde escuro
 Assombrais este rio,
 Em quanto o vento frio,
 Aos passarinhos ledos
 Nos ramos lhe não da lugar seguros;
 E se o inverno duro
 Com fonte turva, & fera
 Vos despojou d'estado tão contente
 Da doce primavera,
 Ouvi agora a voz d'hum triste ausente,
 Que em espaço tão breve
 Lhe descontou fortuna hum bem que teve.
E voz agoas cançadas,
 Desse largo caminho que trazeis
 Por serras, por area
 Detende a pura vea,
 E aqui mais socegadas
 Pode ser que em meus males descanséis,
 Em meus olhos vereis
 A vossa saudade,
 Que se para tornar aonde nacestes
 Desejais liberdade,
 E rompeis os penedos que temestes

De Francisco Rodrigues Lobo.

411

Em mim vereis a pena
De não poder seguir a quem a ordena.
E vos fermosa ingrata
Em cujo rosto, & olhos escondida
Ficou minha ventura
Por quem Amor procura
No mal em que me mata
Fazer que inda mereça a minha vida
Neste bosque escondida,
Ouvi meus versos tristes,
Que descubrem desta alma a saudade,
E pelo que já vistes
Nos meus olhos vereis que he de verdade
Este meu sentimento
Com tanta pena, & sem merecimento.
Desterro tão comprido,
E de hum para outro mal tanta mudança
Onde a fé se melhora
Se ha de ter alguma hora
Num mal tão bem sofrido,
Pelo menos enganos da esperança
Este que assi me cança
Fora doce, & suave
Como he aspero, esquivo, & inflexivel,
E a pena dura, & grave,
Mas parece este bem quasi impossivel,
E esta duvida solta
Ver que a ventura em males não faz volta.
Vou chorando meu damno
(Não perder o socego, & vida chara
Porque isto he cousa justa)
Que ainda que tanto custa
Me parecer a humano,
O mal se em vossa vista me matara;
Mas quer a sorte avara
Que o meu tormento seja
Viver a meu pesar ausente, & firme;

Aonde

Aonde vos não veja

Nem deyxte Amor cruel de perseguirme

Façase o seu mandado

Ausente, firme, só, desesperado

E Stava o lugar com a laudade da noyte, & com os acen-
tos da cantiga de Lereno taõ triste, que ló lhe faltava
para o igualar o sentimento, & como ló este bem lho parecia,
esqueceo-se da jornada, que lhe faltava, & de tudo o mais,
que não eraõ seus suspiros; mas como este repouso não pôde
dar delcanço, nem sua sorte lho consentia, levantou-se, tomou
o çurraõ, & foy por hum valle abayxo, bem acompanhado de
arvores, que o faziaõ mais escuro, atè chegar à quèda de hũa
ribeyra, aonde entre muytos alamos, & freyxos appareciaõ ca-
banas de Pastores; dalli sahiraõ os rateyros a lhe ladrar, &
quando elle com o cajado os desviava, sahio hum Pastor da
porta, & perguntou, sois esse, que tantas horas ha q̃ vos espero?
Não devo ser eu (respondeo Lereno) quem esperais, porque
não sou desta ribeyra, antes pela não saber errey o caminho,
que levava, peçovos, que me encaminheis para a Aldea: Se tu
não sabes o atalho (tornou o outro) não tens horas para pal-
lar daqui, aonde se quizeres gazalhado to darão de boa von-
tade, essa vos pague Deos (tornou elle,) & a mim por agora
he forçado proveytarme della. O do Casal o fez entrar para
a cabana, aonde logo tirou o çurraõ, & assentado lhe pergun-
tou donde era, & para onde hia. Bofé (disse elle,) que te
não saberey dizer donde sou, nem ainda cujo; porèm nalci
perto destas ferras de riba-Tejo, & vou para aquella famosa
Aldea, aonde elle se acaba, para viver alli por soldada en-
tre os guardadores, aonde me não faltará amo; porque sey da
pastura dos gados, da cura delles, do monjer, & queyjar do
leyte, & do mais que cá se estima dos pegureyros. Por certo
(tornou o velho,) que buscas forte trabalho, que he taõ má
vida, tella sujeyta à vontade d'outrem, & sobre tudo viver no
labyrintho, & confutaõ dessa Aldea, que não te aconselhàra
tal engano, & não tratando de mim, a quem a idade ensi-
nou a fugir della, todos os Caseyros desta montanha, que cos-
tumaõ

tão levar lá de venda os cabritos, & o fructo do seu gado, outra cousa não contão, senão as maranhas, & enleões, que lhe tratão os Abegões; porèm as vezes he força, o que não he gosto dos homens, ficais que te será necessario. Assim he (diz-se Lereno,) que ninguem já agora vive a seu labor, & este meyo, que eu busco, he mais para entreter a vida, que para remedialla com esperanças de algum descanso. Nesta pratica estavaõ os Pastores, quando dous, que o velho esperava, affomaraõ à porta, dos quaes logo Lereno conheceo seu amigo Rifeo, a quem a ventura alli trouxera havia poucos dias; foy o alvoroço estranho entre os dous Pastores, & o contentamento do velho, em empregar tão bem o gazalhado, & depois que descansaraõ em saborosa conversação, entre as faudades do Mondego, & o velho lhe offereceo os saborosos manjares da natureza, & comeraõ com a vontade, que lhe offerecia o cansaço do caminho, & o gosto da companhia, sobre mesa pediu Rifeo ao amigo, que ao som da sua sanfona, lhe cantasse o que passára depois de se apartarem dos campos do Mondego; Lereno por lhe obedecer, tomou logo o instrumento, & foy seguindo sua historia desta maneyra.

P Or onde entre penedos, & asperezas
Passa o Mondego claro, & saudoso,
Rompendo os montes seus, que a natureza
Fez por muro da terra poderoso,
Aonde estreitando as prayas, & a grandezas
Corre por entre as serras furioso,
Perto donde o rio Alva se derrama,
E entregandolhe as agoas perde a fama.
Onde as alpestres serras penduradas,
Que ameaçaõ as agoas cristalinas
Não são da loura Ceres cultivadas,
Nem guarda Flora, & Zephiro as benignas,
Nem arvores fermosas, & copadas
Dam fruytas saborosas peregrinas;
Tudo he esteril, seco, inhabitado,
Sem flores, ervas, arvores, nem gado.

Se alevanta huma penha graciosa
 Rodeada de flores, & verdura,
 Taõ verde, taõ florida, & taõ fermosa
 Como a mais serra seca, espera, & dura;
 Na decida entre as arvores fragosa
 Com alegres penedos de mestura,
 Huma profunda cova se descobre,
 Que faz com o nome, & graça o sitio nobre.

Alli entre a pacifica oliveyra,
 Nos declives outeyros transplantada,
 As matas se veraõ de herua cidreyra
 A' fermosa Dione dedicada;
 O junquillo, a viola, & a roseyra
 Tem a relva de flores marchetada,
 E as boninas que a Lua fez mais bellas
 Azuis, brancas, vermelhas, & amarellas.

Alli acha no mato o caminhante
 A Artemisa em flores graciosas,
 E o malvaisco alegre que diante
 Do Sol abre as boninas cobicozas,
 A madre Sylva, & o Jacinto amante,
 Que inda sustenta as letras amorosas
 Como que se esmerara a natureza
 Em fazer tal jardim n'huma esperenza.

Naõ faltaõ fontes, & arvores crecidas,
 Loureyros, freyxos, choupos, & aveleyras,
 Castanheyros em matas muy compridas,
 Compridas, & copadas sereyeyras,
 Por onde em doce voo entremetidas
 As aves se veraõ de mil maneyras,
 Que dos ramos contino estaõ cantando,
 E as agoas dentre as pedras murmurando:

Aqui depois que os Fados ordenaraõ
 Que o nosso Lis correje em turva vea,
 Depois que em sombra escura se trocaraõ
 As ondas de cristal, na branca areia,
 As Ninfas dos seus valles se juntaraõ

de Francisco Rodrigues Lobo.

415

Seguindo a sua chara Semidea,
A quem em sorte coube esta montanha,
Que o Mondego rodea, illustra, & banha.
Deu a esta Ninfa o Ceo taõ grande parte
Dos soberanos doens que estima, & preza,
Que nas graças que agora em fim reparte,
Já parece que vence a natureza,
Cança o estylo, atrevimento, & arte,
Que comete louvar sua grandezza,
Assim que em taes louvores imagine
Igual a obrigação, & o desatino.
Alli como Diana a caçadora
Com outras da montanha, que a serviaõ,
Que com o aviso, & graça da senhora
Tambem de amor senhoras pareciaõ;
Na caça exercitavaõ cada hora
As armas com que o mesmo Amor vencião,
As seras sujeytando, & os pastores
Vencidos do valor de seus amores.
Cada qual no juizo, & na figura
Naõ tem parte que a Amor naõ satisfaça;
A graça faz inveja à fermosura,
Que os poderes tomou da mesma graça;
Se a alguma foy escaça já a ventura,
Naõ foy a natureza em nada escaça,
Nem avarento Amor que em tal desvio
Lhe deu de toda a serra o senhorio.
Guardava alli Marilia manso gado,
Dionisa, & Cimea juntamente,
Aulisa faz mais bello o verde prado,
Belisa livre leda, & assas contente
Qualquer das outras segue o seu cuydado;
Ama, deseja, alcança, espera, & sente
Que sem Amor, sem sua companhia
Naõ ha belleza, graça, & convesia.
Tinha Cimea a cor que a natureza
Deu à branca Cecem, pura, & fermosa,

Othos

Olhos cheos de graças, & de lindexa,
 Boca rasgada em alto graciosa,
 Modesta, grave, firme, & por impreza
 Tras a fé contra Amor sempre queyxosa,
 E avendo que o seu foy mal empregado
 A qualquer sujeyção nega o cuydado.
Belisa livre, & seu conhecimento
 Dos effeytos de Amor a quem se nega
 Com seu honesto, & brando movimento
 A liberdade só a vida entrega;
 Mas não merece em fim merecimento
 Quem tambem neste gosto não navega,
 Tirando o preço às partes naturais,
 Que ande vir por Amor a valer mais.
Aulisa seu querer goza em receo
 Do que pode cortar nelle a ventura,
 Que nenhum grande bem tão certo veu
 Que fizesse a vontade estar segura;
 Mas goza neste bem, & neste enleo
 Estranhos bens de sua fermosura,
 De que viver pudera assas contente
 Se o Amor de Narciso se consente.
Dionisa em cujos olhos graciosos
 Amor faz ao desejo nova inveja,
 Tão lindos, tão senhores, tão fermosa,
 Que a alma por seus olhos os deseja,
 Tambem vive em suspiros saudosos
 D'algum bem que passou, & este qual seja
 Seus olhos o dirão com saudade,
 Se aquelles olhos taes falaõ verdade.
Morilia que o cabello crespo, & louro
 Mostra qual o Sol claro na alvorada,
 Vencendo nos cabellos a cor dourado
 E no rosto de neve a cor rosada,
 Faça de seus cuydados vaõ thesouro,
 Se por Amor se pode esconder nada
 Neste lugar esconda os seus amores.

Que não he mais humilde nos louvores.

Muytas outras pastoras na montanha

Passavaõ a vida alli doce, & contente

Cada qual seus cuydados acompanha,

Cada qual segue hum gosto diferente:

Juntas em fim naquella terra estranha

Que escondeo la ventura a tanta gente

Estaõ as gentis graças que perderaõ.

As ribeyras do Lis aonde nascerãõ.

Levoume a sorte a terra taõ ditosa,

Porèm não era assim quem me levava

Aonde em companhia taõ fermosa.

Meu cuydado tambem me acompanhava:

De quanto a luz do Sol, & a vista gosa

Com os olhos, mas não livres, eu gozava,

Porèm ventura tal, vista taõ bella

Não se alcança senaõ para perdella.

Alli nos frescos matos escondido

Toquey a doce frauta aos pastores,

Aonde tambem cantara o velho Alcida

A brandura sem fim de seus amores.

Da senhora das outras era ouvido

Cujos olhos de tudo eraõ senhores,

Porèm a cantar delles não me atrevo

Sem que lhe roube o mais do que lhe devo.

Duron como costuma esta alegria

Em quanto o permittio ventura ingrata

Porque já aquelle tempo parecia

Devida a sem razãõ com que me trata,

Deyxey a bella, & illustre companhia

Cujã lemb;ança a pena me dilata

Representando o gesto na memoria,

Mas pede a causa mais comprida historia.



COm o fim destas ontavas o deus Lereno a musica da sua I
lanfonha, & os Pastores à conversação da noyte, por-
que não eraõ taõ compridas, que soffressem durar muyto o

serão entre Pastores, que aproveytao a madrugada, & depois de louvarem a sua cantiga com muyto espanto do velho, que lá em mocidade fóra celebrado naquellas aldeas. Repartidos cada hum a seu repouzo, Rifeo o escolheo, com o compa-
nheyro, que gastou a mayor parte da noyte, que ficava, em lhe preguntar novas do Mondego. Bem sabes, amigo Rifeo, (dizia elle) quanto a meu pesar, pelo que me faziao os engan-
os de Floricio, me apartey delle, desprezando a minha quietação por desejar a sua, procurando menos o credito a
minha verdade, que o fim a sua desconfiança, & para que aja este meu mal por bem empregado, dizeme como elle se ouve em seus amores, & Althea em suas esperanças? Como estaó os
Pastores, & Pastoras, que guardavao no valle, se respondem as novidades dos gados, & das terras a esperança de que fi-
carao vestidas quando me parti? Floricio (disse o outro) vi-
ve sem ti, & sem contentamento, porque te perdeu por enga-
no, & não por culpa. Althea por esta causa o aborrece, & sus-
pira por tua companhia, todos os mais te desejaó, & eu que entre elles não tinha menos lugar, & razão, como tu co-
nheces, mal cuydava acertar a calo esta ventura da que por esta ribeyra me trouxe, & dos mais te darey largas novas, que
agora he tempo, que repouzes; com isto deyxarao a pratica, que de todo os descuydava do sono, & Rifeo determinou ao
outro dia partirse com Lereno, porque a verdadeyra amizade todos os respeytos affeyçoa a seu fim, & só a companhia de
hum amigo faz esquecer a saudade de hum lugar quieto.

FLORESTA SEGUNDA.



O outro dia em que amanheceo mais fermoso o Sol sobre a verdura, que do puro orvalho da Aurora estava borrifada, levantados os Pastores tratou Rifeo com o do casal partir aquella manhã para a Aldea, pois além do interesse da companhia de Lereno lhe era forçado não dilatar o caminho, & posto, que o bom velho sentia muyto seu apartamento, como já o Pastor o tinha de longe determinado, custoulhe menos a licença, que pedia

pedia com as razoens do amigo , que o ajudava : feyta a despedida dos do casal, dadas as graças do gasalhado , tomaraõ os curroens , & o caminho ao longo das prayas do Tejo , & indo a vista delle por entre altas enzinhas , & loureyros , lhe disse Riteo , fiquey homem taõ affeyçoado as graças daquelle lugar de que cantaste , fóra o principal que já tinha ouvido das Pastoras que nelle habitaõ , que por extremo desejo , que vas por diante , se com isso o caminho te não for pezado. Fica tanto para diizer (replicou elle) que nem o dia , nem a jornada darà lugar a tudo, porèm da menor parte te direy alguma do que aconteceo hum dia depois que cheguey a aquella montanha, no qual com estas lindas Pastoras de que ouviste, fazia a senhora dellas huma peiscaria no Mondego, aonde com elle se encontra o rio Alva , & para isto em duas barcas toldadas de graciosa verdura , & floridos ramos , se embarcou em huma a fermosa cõpanhia daquelle Semidea , & na outra o seu Pastor , com muytos dos que o serviaõ , que para taõ saborosa recreaçãõ foraõ escolhidos ; foraõ deste modo navegando encostados a terra, à vista dos sombrios bosques , & fermosos valles , cheos de arvores , que com desigual altura , & diferentes ramas recolhiaõ os pintados passarinhos , que de huma , & outra parte do rio hiaõ cantando , ao som de muytos instrumentos , que nas barcas se tocavaõ. E porque esta doce melodia com a vista , & mover dos ramos , & o murmurio de alguns ribeyros , que alli entravaõ no Mondego , & os sobressaltos das Nayades , que habitavaõ as fontes daquelle ribeyra , ocupavaõ a todos os sentidos ; passaraõ assim atè entrar na alpereza das altas , & fragosas penedias , que assombraõ o rio , aonde por ordem daquelle soberana Pastora , comecaraõ as outras acantar a esnaços, como a cada huma acontecia a terçaõ de seus cuydados , das quaes a primeyra comecou em quanto as outras detcançavaõ.

Cuydados desesperados

*Não nos tenha mais ninguém,
Que he só meu tamanho bem.*

*Depois que sey quanto val
Hum mal de que me temia,
Por sua parte estou tal
Que não soffro companhia,
Nem mudança neste mal.
Os bens, & os gostos buscados
De quem os tem por seu fim
Delhos ventura debrados,
E só fiquem para mim
Cuydados desesperados.*

*Quem seus prazeres procura
Alanceos para perdellos,
Que eu tenho por mor ventura
Não nos ter, & merecellos,
Que ter o que ella assegura.*

*Se alguma cuydados tem,
E nelles desesperou
Sayba que a mim só convem.
Tornemos quem nos robou
Nãõ vos tenha mas ninguém
Que he taõ sofrego meu peyto
Desto mal que Amor me deu,
Vencido por meu direyto,
Que inda me parece meu
Qualquer mal d'outro respeyto,
Mas os finais que os meus tem
São glorias que nascem delles,
São gostos que não se vem,
Nem amor tem parte nelles
Que he só meu tamanho bem.*

Atras esta cantiga, que de todos foy como merecia celebrada em competencia desta tenção della cantou Dionisa.

*Tanto estimo meus cuydados,
Como quero a causa delles.*

*Entho souvey no meu peyto
Cuydados que amor me deu,
Guardo-os com tanto respeyto
Que para o tudo o que he meu
For lbe guardar seu direyto.
E por quem me foraõ duados
Tenho por taõ grande afronta
Ter outros mal empregados,
Que nem de mim faço conta
Tanto estimo meus cuydados.*

*O gosto, o desejo, a vida
Darey por nunca offendelos,
E he razãõ justa, & devida
Que antes eu fique perdida
Por elles que com perdellos.
Que se a vida me ficara
Para me matar sem elles
Eu por elles me matara
Porque nisto os estimara
Como quero a causa delles.*

A esta cantiga, responderaõ os Pastores da sua barca, & ajudado dos bem tocados instrumentos cantou Franco.

De

de Francisco Rodrigues Lobo.

421

De inveja de meu cuydado

Me encontra nelle a ventura.

Minha alma que conhecia
De meus males o interesse,
O grande preço, & valia
Não quis que o corpo tivesse
Glorias, que ella merecia.
Mas o corpo magoado
Na vingança se desvella,
E com o que tinha alcançado
Anda por se apartar della
De inveja de meu cuydado.

Nas invejas deste bem,
Que nenhum delles alcança,
Contino se desavem,
E esta batalha que tem
Não tem nenhuma esperança.
Outrem contra elles pelleja,
Que em mim vitoria procura,
Que he cousa certa, & segura,
Que também de pura inveja
Me encontra nelle a ventura.

Logo da outra barca cantou Cimea, que ao rogo das Pastoras senão pode escusar.

Que esperança pôde ter,

Quem de tudo desespera.

De ter já muyto esperado
Canço, porque esperar cança;
E não tendo meu cuydado
Outro bem mais que este estado,
Nada ouero da esperança.
Destes desconcertos vem
A vida me aborrecer,
Porque quem nella não quer
Huma esperança que tem,
Que esperança pode ter.

Não posso negar que a tinha,
E nella o mayor perigo,
Mas de sorte usou comigo
Que não mostrou, que era minha,
Senão que era meu castigo.
Se outra agora me viera
Com receo deste damno,
Com mais vontade a perdera,
Porque estima o desengano,
Quem de tudo desespera.

Da outra barca cantou Almêno, que com a graça, & arde sua gentileza a dava dobrada à cantiga, que todos gabarão por estremo.

Ando perdido entre a gente

Nem morro, nem tenho vida.

Depois que ando transformado
Num cuydado que me obriga
A viver sempre enleado

Não posso achar quem mediga
Se sou perdido, ou ganhado.
Nem por fé se me consente

Dd iij

Que

Que sayba parte de mim,
 Quem me tem nega, & não mête
 Que depois que me perdi
 Ando perdido entre a gente.
 A alma que buscou lugar
 Que amor por seu fim lhe ordena
 Bem se queria empregar

Mas ficou presa no ar
 Aonde anima, & onde pena.
 Nem ganhada, nem perdida
 Posso della saber nada,
 Nem de mim, se alguém duvida
 Quem me da vida emprestada
 Nem morro, nem tenho vida.

Da outra parte cantou Alvifa posto que se valia de escutas para o não fazer, por estarem perto do fim do caminho, & antes, que elle se acabasse disse o seguinte.

Temo que a sorte desvie

O fim, que a fê me promete.

*Fora meu cuydadô izento
 Dos males que lhe procura
 Amor taô sem fundamento,
 Se com elle, & com ventura
 Valerã merecimento.
 E inda que razãõ condena
 Quem me diz, que desconfie,
 Quanto amor por ella ordena
 Em favor de minha pena,
 Temo que a sorte desvie.*

*Sigo a ley mais rigurosa
 De huma fé firme, & constante,
 Taô firme quaô perigosa,
 Mas o ser melhor amante
 Nunca fez mais venturosa.
 Tudo se arma contra mim,
 Em tudo a sorte se mete,
 E tudo leva a seu fim,
 Só por estorvarme a mim
 O fim, que a fê me promete.*

NEsta amorosa perfia sobiraõ o rio que por entre as serras se apressava, ou com medo dos ameaços de sua altura, ou por cubica de esprayar-se em crespas ondas nos largos areas, que adiante via. E chegando ao Alva estavaõ já os rusticos pescadores com as redes atravessadas no rio, armando ciladas aos peyxes innocentes para com a chegada das Pastoras os levantarem com a pressa, as quaes saltaraõ na praya taô fermosas, que bem era necessario amigo Rifeo, para quem as visse trazer os olhos mais contentes, & menos affeyçoados a chorar; que te direy do trajo, & policia de suas roupas; do ar, desdem, & galantaria de seus toucados, da graça, & movimento dos passos, que davaõ pela area, se
 só em:

fô em a figura , & perfeição dos rostos avia tanto em que empregar os sentidos , que se podiaõ perder os de todos , em os olhos de cada huma. Começou em fim a pescaria , mas os rusticos , que a faziaõ , assim se delcuydaraõ de tudo por não tirarem os olhos dellas , que perderaõ o cuydado dos peyres , & afloxando-lhe as redes os soltavaõ , & com tudo isso se enlaçaraõ mais , se as Pastoras trouxeraõ os olhos nas redes , que esta era a prizaõ , que elles de sua vontade procuravaõ , & por esta razão buscavaõ o fundo das barcas , & não aguarida de suas colheyas. Os que vieraõ presos a praya , posto , que perderaõ a vida tiveraõ a morte bem festejada , saltando da area nas roupas das Ninfas , que ainda que contra ella lhe não valiaõ , & era lugar aonde ficava vida por vontade. Logo se começaraõ muytos jogos , & cantigas , que durarãõ até que a tarde se acabou , & tornarãõ pelo rio abayxo com dobrada alegria , alli cantey eu o que entre os nossos Pastores costumava , & não o que atantos merecimentos se devia; fuy gabado, mas muyto mais razão tinha para o merecer, que pera o ser , pois a causa era taõ desigual ao meu ingenho , & elle tinha tantos louvores em que escolhesse. Com isto , & com a noyte se recolheraõ pelo valle acima com ramos verdes nas mãos , & fermosas flores envergonhadas entre os cabellos, porém fazme taõ grande saudade esta lembrança , & tanta mayor a magoa de perder a ventura , que alli tinha, que me não atrevo já a hir adiante. Por certo (disse o companheyro) que fô com a representação do que hias dizendo sentia na alma huma alegria taõ contente , que se havia a vontade nella como enleada , & bem folgara eu de ouvir o que tu alli cantaste, mas ainda terey outro tempo em que te não valha escusa; nesta pratica chegaraõ a huns penedos aonde batiaõ as ondas do Tejo , & decendo junto ao rio para a sombra de muytas arvores altas , que assombraõ o lugar da penedia , viraõ que arrebetava nella huma fonte muyto copiosa de agoa, que mansamente , & sem ruido tomava o caminho por entre a area , & em hum seo que nella fazia a sombra de huma faya, estava hum Pastor, rustico ao parecer, no traje , & na figura , & cõ os olhos na agua estava imaginando, sem se lhe ouvir cou-

ia, que dissesse; mas tanto o elevavão as em que tinha o pensamento, que não via os Pastores, que já estavam com elle, os quaes tomando-o pelo cajado, sobre que estava inclinado, lhe disserão: Tão empregado estás no que imaginas, que me parece, que te fazemos bem, em te despertar de algum sonho, que te deve representar a fantasia. Em verdade Pastores (disse o da fonte) bem sonho he o que eu imagino, pois passou como se o fora; porém se não quereis alguma cousa de mim, deyxayme nelle, que ainda nestas aguas busco, quem n'outras se escondeo com a minha liberdade: Os companheyros ouvindo isto, o quizerão deyxar na sua porfia; mas Rifeo lhe tornou, liberdade debayxo da agua só os peyxes a tem, & alcançalla com os olhos, não he mà pelcaria. Enganaste (disse o outro,) que tambem com os olhos me levãrão; & se esta minha teyma te parece delvario, mayor o será aconselhar a quem não conheces, vayte embora, & não me tires esta, que não quero nella companhia. Fazes bem (replicou Rifeo,) que nem a tua he muyto para cobiçar, ao menos na cura deste mal, que logo meu companheyro conheceo. Olhate de vagar nesta fonte, que ainda que o rosto não he para Narciso, o que elle fez cobiçoso de sua figura, faràs tu por desesperado. As razoens que eu tenho para o ser (respondeo elle) me ensinãrão o que farey; em tão to forão andãdo por diante, & sentados aonde có os pedredos se encobrião, ouvirão dalli a pouco espaço ao Pastor, que cantava este Soneto, ajudando o roido da fonte com o som do cajado, que nas pedras tocava.

I mportunos queyxumes se algum dia
 Cançará de me ouvir esta aspereza,
 Se a morte acabarà minha tristeza,
 Ou terá fim na vida esta porfia?
 Mas se a morte não vence a fantasia,
 Desesperado vivo nesta impieza;
 Porque nem o mal muda a natureza,
 Nem pode aver nos males alegria.
 Ah quem vira este fim que nunca alcança,
 Quem perdera esta vida que aborrece,

*Só para a ve na morte arrependida.
Porém izento estou desta esperança,
Que não pode doer perder a vida
A quem quanto mais vive, mais padece.*

CAntou o Pastor com tanta suavidade, & sentimento, que entristeceo aos dous companheyros, & magoados de quam mal o tratãrão, estavão em tornar atraz a remediar sua culpa. Mas a este tempo virão duas Pastoras, que a seus accentos acodirão, & achando-o defacordado sobre a relva, com a agua da fonte o despertãrão, & depois de tornar em seu acordo, levantando-o pelos braços, lhe disse huma dellas, que bem podia com os olhos dar novo espirito a quem o tivera para conhecer sua fermosura: he em ti taõ mal empregado qualquer mal, que aceytara grande parte desse só por te ver sem elle, a troco desta vontade, que por ser minha não dara fruyto, te rogo, que venhas em nossa companhia para a Aldea, aonde descanças, que nemo tempo, nem o teu cuydado he para este lugar. Ah fermola Pastora (disse elle) quem pudera pagar essa cortesia, com a liberdade, que me ficou nas mãos de huma ingrata, mas porque o eu não pareça a olhos taõ fermosos, guiayme para onde quiserdes, que perca a vida, & não ma deyxéis para mayores tormentos, que serà crueldade, que nem de voffo parecer se espera, nem em mim achara já sofrimento. E se aqui vos manda a ventura para que detenhais o cutello, que minha desesperaçõ me poz na garganta, não sejais ministra de quem taõ mal paga serviços, contra quem desejar a vida para vos fazer muytos, se poder sustentalla não fora impossivel. Não faças taõ poderosa a tua tristeza, (respondeo ella) com as forças, que lhe das tirando a ti as esperanças de viver sem ella, & a mim de me ver paga deste desejo, vem comigo, & com esta Pastora, & depois ordenaras at eu parecer. Ouve em fim o Pastor de obedecer-lhe, & com ellas atravessou para o monte assaz quebrantado. Os dous caminhantes com muyto sentimento do que viraõ foraõ pela borda do valle caminhãdo, & junto da noyte se recolherãõ em hũ lugar para a passar, q̃ muytas vezes offerece ropouso, quando

do o dia nega o descanso ; com a condiçãõ com que os males costumãõ dar alivio ao sofrimento.

FLORESTA TERCEYRA.

Meteome Amor em seu trato,
 Posme os seus gostos na praça,
 Quanto quiz me deu de graça,
 Mas he caro o seu barato.

Amor que quiz que tivesse	Entendeo que não sabia
Os males por seu querer,	A valia do interesse,
Deume nos bens que escolhesse,	Que eu delle entãõ pretendia,
Para que quando os perdesse	Preguntoume o que queria
Tivesse mais que perder.	Antes que nada me desse.
Depois que em minha esperança	Eu que não soube o que fiz,
Me vi contra o tempo ingrato	Quiz hum desprezo, & negava,
Viver livre de mudança	Quiz huns desdens senhoriz,
Por taõ grande confiança,	E por ser graça o que quiz
Meteome Amor em seu trato.	Quanto quiz me deu de graça:
Vi ex logo que convinha	Triste do que entãõ cuydava
Dar melhor conta do seu	Que era tudo o que ganhou
Do que dey da vida minba.	O mal com que se enganava,
Deyxey perder quanto tinha	E vendo a vontade escrava
Por guardar o que me deu.	Conhece o que lhe custou.
O desejo, & o temor,	Amor vende como avaro,
A fé, a vontade, a graça,	E faz seguro contrato
Tudo pus nas mãos d' Amor,	Com cautellas sem reparo,
Elle que he mais mercador	Vende o barato, & o caro,
Posme seus gostos na praça.	Mas he caro o seu barato.

Isto hiaõ cantando os dous companheyros ao outro dia antes de amanhecer ao longo das prayas do Tejo, & cada hum mostrava na sua voz tanta graça com a saudade da madrugada, que atè as areas surdas, & as arvores sem sentido, fiziaõ movimento com as mudanças da sua cantiga. Ah (disse Rifeo, acabada ella) como entristecem as alegrias a hum coraçãõ autente? E como he certo que amor senhorea todos

dos os passatempos da vida, que mayor o pudera eu ter agora, que a tua companhia, ouvirte cantar taõ suavemente, ver como obrigaõ teus versos as coulas sem sentido, se os meus não andaraõ prezos ao pensamento, que me torna ao Mondego donde em penhor da alma, que deyxey, só esta saudade veyo comigo. Tudo (respondeo o outro) esta na mão de Amor, não ha vida sem elle, posto que a que dà seja trabalhosa, nem ha bem que delle não naça, nem mal que com ter passado a sua conta não fique leve ao padecer; & pois te queyxas dos teus, & ha tanto, que me escondes a causa delles, & queres que alcance com a suspeyta o que te merecia, por confiança, & amizade, queyxarme hey de ti. Tenho eu nella tanta fé (respondeo Rifeo) que ainda que este segredo fora de mayor perigo to descobrira, mas o não ser arriscado em o publicar não tira fello em o sentimento. Saberas amigo Lereno, que aquelle dia das festas de Diana, quando contigo me acheyno valle dos amores, foy o primeyro em que Amor tomou vingança de minhas liberdades, vendo a fermosa Sylvia, a quem o Ceo fez em tudo taõ acabada, que se lhe deu o parecer Divino não quiz que a voz parecesse humana, nem o entendimento, sujeyto a nosso juizo; & porque comecey a provar o senhorio desta affeyção, quando ella da causa tomava mayores forças, busquey logo meyo para mostrar com a lingua o coração, & como ambos temião igualmente, o seu merecimento, & o seu juizo, vencia sempre o receyo a ousadia, até que ella me deu em huma tarde, em que eu contava a Belisa queyxumes de huma affeyção secreta, & entre alguns suspiros, em que me queyxava de meus cuydados, como se não tivera adiante a causa delle, dizia muytas palavras magoadas de minha pena, culpando a quem me matava, não querer conhecer em os meus olhos o mal que me fazia, esperando, que além de o sustentar, o descobrisse. Ou fosse, que o quiz então a ventura, ou que eu a tinha sem saber della, que disse Sylvia, que em extremo desejava conhecer meus pensamentos, & perguntoume, lhe dissesse a quem queria bem, não crendo os meus olhos, que o mostravão, & como os tinha nella, & em huma coroa de boninas do monte, que a fazia mais fermosa, ensina-

do

do de Amor, lhe perguntey o nome de humas boninas brancas, que melhor entre as outras parecião. E respondendo ella, que erão bem me queres, lhe disse : Se tu Sylvia conheces essa verdade, & entendes a minha affeyção, para que esperas, que com testemunhas suspeytas a publique, & se as que são mudas confessaõ diante teus olhos o que te quero, não sejas ingrata. A isto me respondeo ella, & não tão isenta, que me tirasse as esperanças, com que comecey a me declarar em seus amores, alcançando por fruto delles o com que pudera viver satisfeyto de minha estrella, mas esta com força da ausencia atalhou a gloria, que possuhia de minha affeyção; vivirey no Tejo com as faudades, receyos, & desconfianças de hum ausente, até que o tempo acabe este desterro. Festejo muyto (disse o amigo) ja que em fim havias de ser sujeyto ao senhorio de Amor, teres nelle ventura tão envejada, & pelo que importa conservar estado tão ditoso, faze que Amor te não ache descuydado nas ribeyras do Tejo. Não me consentia descanço (tornou elle) a saudade de minha Pastora, ainda que a sua firmeza me possa fazer seguro de mudanças. Nestas palavras chegãõ à vista de huma Aldea, que està perto do Tejo, & pouco desviados do caminho virãõ, que sobre huns penedos à sombra de humas altas amendoeyras cantavaõ duas Pastoras de arrazoado parecer ao som de huma frauta, que hum velho tangia, o qual tocava com muyta graça, & dous Pastores com as mãos na face, encoitados sobre a do penedo as ouviãõ. Pareceo aos companheyros, que era o canto digno de lhe impedir o caminho, & sentados defronte, lhe ouvirãõ esta cantiga.

Quiz bem quando não saiba,

E agora que sey querer

Mal quero a quem bem me quer.

Tive singella affeyção,
Leal, & firme amizade,
Depois que apuz na vontade
Nunca vi mais a razão:
Tudo me parece vão,
E só firme meu querer

Mal quero a quem bem me quer.

Quem outros cuydados tem

Pode imaginar que seja

Querer mal de pura enveja

A quem sabe querer hem,

Não me tenba Amor ninguem

Para

<i>Para obrigar meu querer,</i>	<i>Que aninguem guarda direyto.</i>
<i>Que aborreço a quem me quer;</i>	<i>Depois que entrou no meu peyto;</i>
<i>Molher não sabe respeyto</i>	<i>Depois que soube querer,</i>
<i>Mais que amar aonde se inclina;</i>	<i>Mal quero a quem bem me quer.</i>
<i>Quem lhe poem ley desatina</i>	

Depois que os Pastores do penedo ouvirão a cantiga que ellas cantarão, melhor do que ufavão com quem as lervia, pedirão ao velho, que fosse com a musica da frauta por diante, & elles começarão a cantar não menos concertados.

<i>Coração , olha o que queres</i>	<i>Que mulheres , são mulheres</i>
<i>Tão tirana , & desigual</i>	<i>Não lhe queyras coração ,</i>
<i>Sustenta sempre a vontade,</i>	<i>E se não olha o que queres</i>
<i>Que a quem lhes quer de verdade</i>	<i>Que mulheres são mulheres.</i>
<i>Confissão que querem mal.</i>	<i>São taes que he melhor partido</i>
<i>Se Amor para ellas não val ,</i>	<i>Para obrigallas , & tellas</i>
<i>Coração olha o que queres</i>	<i>Hir sempre fugindo dellas</i>
<i>Que mulheres , são mulheres:</i>	<i>Que andar por ellas perdido.</i>
<i>Se alguma tem affeyção</i>	<i>E pois o tens conhecido</i>
<i>Ha de ser a quem lha nega ,</i>	<i>Coração , que mais lhe queres?</i>
<i>Porque nenhuma se entrega</i>	<i>Que em fim todas são mulheres.</i>
<i>Fora desta condição ,</i>	

OS dous companheyros a quem não pareceo mal a musica, nem a contenda, vendo-a de ambas as partes tão travada, chegarão a elles. Por certo lindas Pastoras (disse Rifeo,) que errais em desacreditar o vosso parecer, com huma tão injusta sem razão, fazendo com ella, que cstes Pastores cayão no mesmo engano. Meu companheyro, & eu, estivemos ouvindo a vossa porfia, & não podemos dissimular este queyxume, por vida vossa, que nos livreis delle, & confesseis, que não approvais agora o que cantastes. Bofé (disse huma dellas que parecia de menos idade,) que vos deve ir pouco em a nossa determinação, & foy erro desviarvos do vosso caminho para nos metter no de Amor, se sois dos seus vencidos, nenhum dellas.

delles soube já mais dar conselho a outro ; & assim por todas as razões he o vóllo escusado. A minha tenção, fermosa, & desagradecida Pastora (disse Rifeo) não era aconselharvos em favor destas Pastoras, nem abrandarvos, para que fizesseis algum, era só compayxão do enganoso estado , em que sustentais a vida ; porém arrependome, & digo, que a passeis à vossa vontade, que não faltará quem vingue della a elles Pastores, se os tratais mal, que nunca al vimos senão estas esquivaças quebrarem em Amor, quando nem ha quem lance mão delle. Então fallou o velho, que até alli os ouvia, & pediu aos dous amigos, que se assentassem, o que elles fizerão pelo ouvir. Nenhuma cousa há mais certa na mocidade (disse o velho,) que enganos, assim como tambem na velhice he o mayor ganho a experiencia delles. Estas Pastoras porque a não tem, fiadas na gentileza de seu parecer, & no desaslocego de que as ama, tudo engeytão. Os Pastores da mesma idade, levados de seu desejo affeyçoado, não sofrem esperanças, nem obedecem ao tempo, & qualquer que tarda a seu appetite, dispendem em o dar a conhecer a todo o mundo, ellas por altivas vem a fazer-se ingratas, elles por desaslocegados importunos ; assim que de nenhuma parte se póde atalhar o damno. A idade quanto mais sóbe descobre mais; namorado fuy eu nesta ribeyra, & eraõ taõ bem cantados os meus amores, & tal fim houve nelles, qual era o saber com que os grangeava, vim a perder a minha Aldea, & a quietação da vida, & por fim de tudo, perdi a que queria, & ella buscou outro Pastor, que em pouco tempo lhe encontrou a vida, que me tinha tirada; vi depois tanto de que aprender, que pudera amar de novo só por vingança. Esta Pastora que vos respondeo chama-se Daricia, & melhor lhe está o nome, que a fermosura; he assás discreta, mas nunca foy avizada dos casos de amor: tevelho nesta ribeyra muyto grande hum Pastor, a que chamavão Mendino, montanhez no traje, & no parecer, mas no entendimento nenhum dos da Villa lhe fazia ventagem, & não lhe faltava gado com que vivesse, como lhe faltou ventura para a obrigar: Em pouco tempo poz ella em estado suas esperanças, & quasi só juizo se partio deste lugar, não sabemos para onde, despedindo-se della em huma
 fonte,

fonte , aonde ainda agora entre as suas lagrimas estão escritas estas palavras.

*Ingrata , & tão cruel quanto formosa
Ficcate embora , & guarde da ventura,
Que huma alma tão cruel, tão rigurosa,
Da terra , nem do Ceo vive segura.
Eu vou morrer , por ti , tu vive , & goza
De tua condição perversa , & dura
Atè que vença amor tua esquivaça,
E eu tendo meu mal noutra vingança*

Tão contente ficou deste successo, como quem tinha por gloria fazer males, accrescentando cada hora mais em sua dureza, & pelo que sey de amor , & quero a ella , que a críey, pezame de ver a sua liberdade tão isenta. Vós Pastores estrangeyros não estranheis a aspereza da resposta, conhecendo o uso de sua condição. Esta (disse Lereno) a ella fará o mayor damno : que a nós já foy proveytosa, pois della nasce experimentarmos a tua cortezia , bem digna da authoridade dessas cans , & porque pelos sinacs daquelle Pastor imagino , que o encontramos neste caminho , te peço , que mos des da figura do rosto. O velho lhos disse , & conhecendo , que sem duvida era aquelle, lhe contou o que a Rifeo acontecera com elle, quando se estava vendo sobre a fonte , de que Durícia nenhum pezar mostrou, antes festejava a sua doudice; porém a outra, que Minarda se chamava, não pode dissimular o sentimento daquella nova, mostrando com algumas lagrimas, que tinha parte na desgraça de Mendino , a quem amava de verdade. Com isto se despediraõ os dous caminhantes; mas o velho com os da sua companhia , lhe pediraõ , que passassem alli a festa , & depois iriaõ juntos atè o lugar , & pedir dolhe as Pastoras, que cantassem, Lereno ao som da Lyra de Rifeo o fez desta maneyra.

ROMANCE.

DE cima deste penedo
 Aonde combatendo as ondas
 Mostraõ sempre mais segura
 A firmeza desta rocha;
 Com os olhos tras de hum barco,
 Que o vento leva por força.
 Vendo que tem força o vento
 Para atalhar muytas obras,
 Me representa a ventura
 Quaõ pouco contra ella monta
 Firmeza, vontade, & fé,
 Desejo, esperança, & forças:
 Por hum mar taõ sem caminho,
 Morada taõ perigosa,
 Para as mudanças do tempo
 Dando sempre a vella toda,
 O leme na mão de hum cego,
 Que quando vay vento a popa
 Da sempre em bayxos de areia
 Aonde em vivas pedras toca,
 Que farey para valerme?
 Pois a terra venturosa
 Aonde aspira meu desejo
 He cabo que não se dobra.
 Se quero voltar ao porto
 Não ha vento para a volta;

Em fim, que o fim da jornada
 He dar no fundo, ou na costa,
 Pensamentos, & esperanças
 Fulgay quanto melhor fora
 Não vos ter para perdervos
 Que sustentarvos agora.
 Pois não custa tanto a pena
 Como doe perder a gloria;
 E he mais sustentar cuydados
 Do que he conquistar vitorias.
 Só males são verdadeyros,
 Porque os bens todos são sombras,
 Representadas na terra
 Que abarcadas não se tomaõ
 Mar empeçado, & revolto
 Navegação perigosa,
 Porto que nunca se alcança,
 Agoa que sempre çoçobrar,
 Estreytos não navegados,
 Bayxos, ilhas, sirtes, rocas,
 Sereas que em meus ouvidos
 Sempre achastes livres portas,
 A Deos que aqui lanço ferro,
 E por mais que o vento corra
 Para saber da ventura
 Não quero fazer mais provas

Tambem pareceo aos da companhia o que Lereno can-
 tãra, que a Daricia lhe pezou de responder tão isenta ao
 companheyro, & para remediar o aggravo passado, lhes disse
 a elles. Agora me pareceo melhor que nunca a liberdade em
 que vivo, porque he acerto poupar a vontade, & o juizo para
 o tempo em que te deseja livre, quem haverã, que não estime
 ouvir cantar a este estrangeyro, sem que outra sujeyção de
 este

este bem? E quem não quererá mal a Amor, & a ventura de quem elle se queyxa? E por que este seu companheyro não deve ter menor merecimento, desejo, que queyra de meu erro alguma justa satisfação. Nunca (disse Rifeo) deyxey de estimar aggravos de Pastoras tão fermosas, que como nalci para as servir, tenho suas offensas por vanglorias; da razão destes Pastores nasce a minha; & se nesta póde haver satisfação, eu me dou por contente com vos lembrades de quem se esqueceo de si por vossos amores, porque em outros não conheçais à vossa custa o mal, que he sofrer hum defamor mal merecido. Póde ser (respondeo ella,) que o mal proprio me fará ter compayxão dos alheyos. Atraz disto se levantãrão todos para a Aldea, & os dous Pastores passárão adiante, deyxando na despedida magoados os da companhia, que nenhuma cousa faz mayor o desejo da outra, que a brevidade do tempo que dura.

FLORESTA QUARTA.



CHEGARAM os dous companheyros a hum porto do Tejo, aonde já envolto com as aguas do Oceano, combate com furiosas ondas as areas, & penedias, que de ambas as partes o vão cercando, afentados na praya contemplavão a differença de seu nascimento, vendo a que todas as cousas, o mayor poder fazia mais temerosas, como aquelle rio, que com as aguas de tantos, se enriquecèra; & não tardou muyto, que virão em huma pequena barca hum pescador, levando as redes, que entre o furioso som das ondas vinha cantando, fizerãolhe elles final da borda da agua, pedindolhe, que aportasse nella; o que elle fez dahi a pouco espaço, & saudando-o, lhe disse Lereno: Assim o Ceo te dê ventura sobre as aguas, & nellas os ventos, & peyxes te favoreção, se vãs para o fim do Tejo, nos queyras levar em tua companhia. Isso farey eu de boa vontade (disse o Pescador) se a vós não tendes de ir com muyta pressa, porque a minha barca he pequena, a vela rota, & eu só, & vencido já do trabalho dos remos, & não

Ee

poderey

pôdery chegar tão brevemente como as outras, que continuão esta viagem; & sobre tudo vou pescando. Esse encargo (tornou elle) he de mais gosto, & pelo de tua companhia, (que deve ser a vontade com que a offereces) se podião acceytar outras condiçoens mais pezadas. A estas palavras chegou o pescador à borda da area, & entrando os Pastores, os agazalhou com o rosto cheyo de alegria, na sua barca, em que os já cativos peyxes andavaõ saltando, & com a vela ao vento, forão o rio abayxo, até o dobrar de hum cabo, aonde as aguas andavaõ mais empoladas, & revoltas, & temendo os Pastores pelo descostume da navegação, aquelle passo, imaginando nelle hum grande perigo, perguntarão ao pescador a razão, porque alli andava o mar tão differente, ao que elle respondeo. Neste lugar, que em outro tempo, foy o que as Ninfas do Tejo escolhião para sua morada, os Faunos para leus roubos, & os pescadores para descanso de sua navegação, quando com as faiscas do ouro das altas ferras, se esmaltava esta praya, quando só nella os ventos enfreavão sua furia, & os passaros cantavão docemente destes penedos, morava nesta ribeyra o pescador Palomo, que do interesse de huma barca pobre se sustentava; mas como nem este estado he seguro da ventura, nem amor o respeyta, huma Ninfa, que Dinopea se chamava, que do alto sangue de Neptuno descendia; veyo a empregar nelle sua affeyção, de maneyra, que huma hora lhe não dava descanso seu cuydado, tem que fosse nos seus olhos. Aqui o buscava, & servia, com elle levantava as redes, & passava a sesta entre estes penedos, & como tão grande bem não pode durar muyto sem envejas, Izo filho de Eolo, senhor dos ventos, ~~para~~ a namorava, desenganado já da vontade da Ninfa, veyo a desconfianças tão desesperadas com a gloria do pescador, que ajudado das forças de seu Pay, com a sua barca o afogou entre as ondas, sem que a fermosa Ninfa lhe pudesse valer, a qual vendo a defestrada sorte de Palemo, depois de grandes sentimentos de lagrimas em sua morte, alcançou dos fadus, que fosse neste cabo convertido, aonde Eolo perpetuamente o combatesse, sem vencer em nenhum tempo sua firmeza, & porque entre os pescadores deste rio he a sua

historia,

historia, muyto sabida, & celebrada, & cantão muitas vezes o triste successo do sem ventura Palemo, para que fintaís menos o caminho, quero ir cantando huns versos de seus amores: & porque já a este tempo tinham passado o perigo do cabo, & deyxavão atraz as crespas ondas branquejando, inclinados sobre o bordo, o pescador, regendo o leme, começou a cantar desta maneyra.

C Olhando ruyvas conchas d'entre a areia.
Aonde o Sol mostra estrellas prateadas
Andava a bella Ninfa Dinopoa,
E as ondas de seus olhos namoradas,
Para tocarlhe os pés sobem depressa
Porcima dos penedos encrespadas.
De inveja o brando vento se atravessa,
E as finas tranças d'ouro derramando
Lhe vay roubando os laços da cabeça.
O Sol, que de mais alto fica olhando
Do caminho que faz tambem se esquece
E as conchinhas azuis lhe está mostrando.
O mar, o Sol, o vento se adormece
Em quanto move a voz ao doce canto,
Que mais que encantamento lhe parece.
Palemo diz para que tardas tanto,
Se só para te achar neste penedo
Do cristal destas ondas me alevanto?
Para me ver o Sol se ergueo mais cedo,
E por mover Favonio os meus cabellos
Deyxou as verdes ramas do arvoredo.
Os Delfins namorados para vellos
Andão saltando a praya alegremente,
E vão de inveja os Faunos por prendellos:
Tu te mostras Palemo diferente,
Tu despresas o amor que te offereço,
De quem o mesmo amor fora contente.
Com só nos teus olhos não pareço
Dina de sujeitar hum coração

Indino de outro meu que te offereço,
 Ingrato pescador que chamo em vão
 Obrigado das forças da ventura
 A huma cega, injusta sugeyção.
 Olha a desigualdade deste emprego;
 Tu pobre pescador, vil' despersado,
 Tu, senhor de huma barca, eu deste peço.
 Eu filha de Tritam no mar sagrado
 Feyta escrava por ti de meu desejo,
 Tu tyrano senhor de meu cuydado.
 Tu queymado do Sol, que doura o Tejo,
 Dos ventos, das areas offendido,
 Que engano he este meu com que te vejo?
 O cabello empeçado, negro, erguido,
 As mãos das redes, e agoas encrespadas
 De burel' grosso e corpo mal' vestido.
 Eu inveja das Ninfas mais gabadas
 Não sey o que te ashey nessa figura,
 Que inda dou de vontade estas passadas.
 Porém não nasce amor da fermosura,
 Nace de hum parecer que não se entende,
 Que foy engano em mim, e em ti ventura.
 Quem te detem Palemo? Quem me offende?
 Vem a deytar as redes nesta praya,
 Que já o sol jem rayos nella estende,
 Antes que a sua luz com força caya,
 Nesta enseada, está fermoso lanço
 Onde a agoa de quieta não se esprayo
 Os peyxes chamarey deste vemanso,
 Tiraras logo as redes carregadas,
 Repousaras a sesta com descanço.
 As lapas, que no fundo estão guardadas
 Ouvindo a minha voz ficaraõ logo
 Dos moradores seus desemparedas:
 Tu desprezas Palemo só meu rogo,
 Os peyxes lhe obedecem, tu mais frio,
 E em nas agoas por ty me abraza em fogo.

*Senão vens por amor, por senhorio
Vem a ver esta Ninfa que desprezas,
Seras senhor dos peyxes deste rio:
Por mim traras, Palemo, as ondas presas,
Por mim sogeytaras o vento esquivo,
E mais livre seras do que te prezas.
Ah deshumano, ingrato, fugitivo,
Onde estas? que não vens, que não respondes?
Alguma sogeyção te tem cativo,
Tras de alguém corres, pois de mi te escondes.*

Parecia tão bem a voz do pescador, ainda que rouca com o som das ondas, que quebravão na barca, & o zuni-do do vento movendo a véla, & fazia isto tão fermoço a vista dos jardins, fontes, & edificios, que de ambas as partes cercavão o rio, que os dous Pastores não sabião em qual dos sentidos se empregassem com mais affeição; mas depois que o pescador acabou a Elegia, & elles de lhe dar os louvores devidos, chegarão a huma enseada, já perto da Aldea, para a qual descia hum caminho do monte, que ao longe se mostrava cheyo de arvoredos, & verdura, em que a arte com as graças da natureza se esmerára; alli pedirão ao da barca os companheyros, que os puzesse em terra, offerecedolhe além da satisfação do trabalho hũa boa amizade para de algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muyta laudade de sua companhia, & seguindo o seu caminho, tomárão por junto de huma cerca, entres huns alamos enlaçados de verdes parreyras, até chegarem a huma fonte, q̄ sahia das ventas de hum Cavallo de marmore, & dividindo-se em dous ribeyros, hia regando hũ artificioso jardim de varias flores, & ervas cheyrosas, onde estava hum Pastor ao pé de hum freyxo, coroadado de folhas de era, & louro, tangendo huma Lyra, com huma meada de cabellos diante dos olhos, como que nelles tinha a letra que cantava, & dizia desta maneyra.

L Embrança saudosa,
 Charo penhor de minha liberdade,
 Que com tanta razão ficou cativa,
 Lembrayvos da dourada nossa idade
 Taõ breve, & taõ ditosa;
 Se desejais que nesta idade viva,
 Porque se o mal se aviva
 Na memoria dos bons, que já passarão
 Em vos se salva a pena que sustento,
 Que se nesta dureza,
 Que os males me ordenarão.
 Também me hade vencer o sentimento,
 Sem nunca alcançar fim minha tristeza,
 He merce bem pequena
 Mostrarme o bem para deyxarme a pena,
 Mostray a meu cuydado
 Passadas alegrias, que algum tempo
 Me deu de amor huma enganosa estrella,
 Dayme a perda dos bens por passatempo,
 Se no que he já passado
 Não vente a gloria a magoa de perdella,
 Ah Natércia, mais bella
 Do que cruel, inda que o foste tanto,
 Tudo como esquecida desprezaste
 Por quem de ti se esquece,
 E não te lembra quanto
 Neste lugar comigo já passaste;
 Como de hum caso alheo que acontece;
 Triste quaõ pouco dura
 Firmeza de molher, sombra, & ventura.
 Não temes, que te acuse
 Este bosque, este freyxo, que inda agora
 Sustenta as verdes ramas, que entaõ tevez
 Quem avera falsissima pastora
 No mundo que te escuse
 De huma mudança taõ injusta, & leve?

De Francisco Rodniguês Lobo.

439

Cuydas , que não se deve
Credito algum as insensiveis plantas ?
Que tu por testemunhas escolheste
Fã quando me enganavas.
Se nisso te alevantas
Lembrarte deve ao menos que me deste
Posse das armas com que me matavas:
Digaõ-no estes cabellos,
Que ainda que te eu perdi não sey perdellos.

Junto deste ribeyro

Reclinada a cabeça no teu braço
Huma tarde me lembra, que mos deste,
Não me era amor entãõ de bens escaço ;
Que cos braços primeyro
Que com ella este colo me prendeste:
Este engano teceste,
E se podera ser viver contente,
Delle por teu querer me contentara ;
E fora satisfeyto,
Mas a sorte consente ,
Que para meu querer foy sempre avara ;
Que atè nelles perdesse este direyto
Com quanto manda amor ,
Que fique pela divida o penhor.

Cabellos d'ouro fino

Tecidos pela mão que vos cortou ,
E enriqueceo de bens esta alma minha,
Esqueceyvos de quem ca vos deyxou
Seguindo hum desatino
Com quem noutrem buscou quanto em vos tinha;
E se eu por vos sustinha
Tãgora neste mal huma esperança,
Que em vossas seguranças me predeo,
Secou sua verdura
Numa leve mudança,
Com que quem vos cortou vos esqueceo,
Que em fim não pode aver cousa segura,

E fez tal tyrania

Por não pagar-me a fé, que me devia

Canção vayte a ventura,

E dize a occasião destes cabellos,

Que a quem os corta não lhe da perdellos.

C Onhecêrão logo os Pastores a este, que era Pavanio; amigo de ambos, & celebrado de todos naquellas ribeyras, pelas partes de seu entendimento, gentileza, & condição, que a Pastora Natercia senhoreára dous annos, & no fim (esquecida do que nestes lhe merecia) veyo a trocallo por Melineo, que primeyro a servira; porque a principal affecção sua era mudança: & antes que os dous Pastores chegassem a elle, muytos outros, que pelo valle andavão, se ajuntarão naquelle lugar, mas Pavanio vendo os estrangeyros os levou nos braços, & sentados entre os outros, dandolhe todos as graças de quam bem cantára, disse. Posto que eu não queria tantas testemunhas para meus queyxumes, não estranho convidarem-se muytos a elles, & a favorecellos, pois o que não devem à graça de meu cantar, merece a verdade da minha cantiga, que toca a tantos; & pois em cantando comecey a fallar em mudanças, bem será que alguém siga esta empreza com melhores palavras, que nas razoes a ninguem quiz Natercia, que eu désse a ventagem; & se Lereno me não parecera, que vem cançado, oufára a rogarlhe, que à minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno,) que o não fizera eu com boa vontade, aindaque a tenho de te obedecer em tudo, porque mal saberà fallar em mudanças quem em si as não experimentou, nem tem mayor queyxume, que não fazer alguma sua ventura. Espantome (tornou Pavanio) de haver ventura constante, por mudavel a ouvi sempre nomear, & dizer, que porisso teve o nome de mulher, salvo se por sustentarem huma semrazão, muda a natureza, como ellas o fazem muytas vezes. Não me parece mal (disse Corinto) pois entramos em fallar de mudanças, buscarlhe o principio, como em todas as cousas de que se trata he costume, & pergunto. Donde nasce a mudança nas mulheres? Donde, não sey eu (respondeo

pondeo Pavano,) mas que he a primeyra coufa, que nasce com ellas, & para que ellas nascem, isto fim. O meu parecer he (disse Umbrano) que nasce de o seu querer não ter sossego, donde cada hora approvão, & condemnão huma mesma affeyção, & nenhuma coufa nellas he mais certa, que esta variedade, pela qual razão devia hum homem estimar dellas tanto os favores como as esquivanças. Eu d'ante mão (disse Rifeo) me dou por suspeyto, porque hey de fallar em favor de huma mudança, que em o meu se fez ha pouco tempo, & pareceme que nasce em as Pastoras de não acharem em nenhum Pastor seguro o emprego de sua affeyção, & variando (para na elcolha melhorarem a sorte) tanto às vezes se mudão, que encontrão quem merece servillas. A fé (disse Pavano,) que foy desgraça não te ouvir alguma, quicais te valera esta razão, mas ella me descobrio outra, que deve ser a verdadeyra; que como a firmeza he huma virtude varonil, & hum bem fundado no entendimento, não pôdem mulheres sustentallo, como incapazes de perfeição; & tanto he assim, que quanto mais merece quem as serve, tanto menos alcança de sua fé, que como Lobas escolhem sempre o peyor, & por esta razão achão às vezes o que merecem. Fallas (disserão elles) como te ensina a payxão; antes te digo, que como ellas me ensinãrão [tornou elle] porèm nisto sou suspeyto por huma parte, & Rifeo por outra, mudemos o proposito. Não me pezarà (disse Lereno) ver o fim a este, mas pergunto a que tempo tem hum homem desculpa de se mudar em os amores de huma mulher, & porque eausas? Eu digo (respondeo Pavano,) que a todo o tempo, & a causa he saber, que o não hão ellas de escolher para se mudarem, mais que como as guiar o appetite. Se a firmeza como tu disseste (replicou Umbrano) he virtude de varão, em nenhum tempo deve hum homem fazer mudança, senão quando sentir huma mulher affeyçoada a outrem, que então por não ir contra a ley da natureza, que he buscar Amor forçado em vontade alhea, pudera mudar-se. Ainda assim (disse Rifeo) o não desobriga a razão, & só a terá para se mudar quando depois de huma mulher o amar muyto tempo o deyxar por outrem, a quem ella antes tinha deyxado.

deyxado, por não conquistar de novo com poucas esperanças o que outro tempo possuía sem receyo, & trocar o estado cō quem lhe teve já enveja. Por essa razão (respondeo Corinto,) & he de Pavanio, se hum Pastor não espera, mais que ser querido, o certo he, nunca fazer mudança, que ellas farão tantas, até que venhão a seu querer; mas atalhemos estas razoens, que vem para nós Mirtea, & Florisa, as quaes não merecem esta culpa, antes muytos louvores, & ferà bem, que os cantemos, para que Florisa alivie o sentimento da pouca ventura, que tem suas esperanças. A este tempo chegarão as Pastoras, & porque Florisa trazia os olhos aggravados, em final que chorara, & elles erão verdes, & tão fermosos, que se lhe fazia o aggravo mayor, logo entre os Pastores se murmurou a causa, & por atalharem o tratar nella, tomou Lereno a sanfona, & pedindo a ellas a licença, cantou huma glosa, que todos ouvirão com muyta attenção.

<i>Claros olhos que mostrais</i>	<i>Offensas que a Amor fazeis,</i>
<i>Não he justo que as pagueis,</i>	<i>Por isso vos aggravais?</i>
<i>Dessa luz, fermosa, & pura</i>	<i>Que as lagrimas que verteis</i>
<i>Amor vencido cegou,</i>	<i>São [se por elle as chorastes)</i>
<i>E a razão ficou escura,</i>	<i>Offensas que a amor fazeis.</i>
<i>E até a mesma ventura</i>	<i>Vos mostrais luz poderosa,</i>
<i>Fogio quando vos olhou.</i>	<i>E a vista nossa fraqueza</i>
<i>Com inveja, & com temor</i>	<i>Que he com razão venturosa</i>
<i>Não parecem amde estais;</i>	<i>Se quando se perde goza</i>
<i>Com temor, porque cegais,</i>	<i>A gloria dessa belleza.</i>
<i>Com inveja dessa cor</i>	<i>As que deste engano cheas</i>
<i>Claros olhos, que mostrais.</i>	<i>Vão provar quanto podeis,</i>
<i>A ventura que não cança</i>	<i>Send'o taes, não nis culpeis,</i>
<i>De vo mostrar quanto possa,</i>	<i>Mas tambem culpas alheas</i>
<i>Mostra em quanto vos alcança</i>	<i>Não he justo que as pagueis.</i>
<i>Que só a vossa esperança</i>	<i>Quom vervos busca, & pretende</i>
<i>Era bem que fosse a vossa.</i>	<i>Sem respeitar mais, porque</i>
<i>Se d'outra vos agravastes</i>	<i>He final que vos entenda</i>
<i>Bellos olhos não choreis,</i>	<i>Mais erra, & mais vos offende</i>
	<i>Aquelle</i>

Aquelle que vos não ve,
E se podem conhecer
Os meus dos vossos finais

Bem entendidos estais,
Porque vos não sabem ver
Por isso vos aggravais.

P Or extremo gavãrão todos a cantiga, & bem quizerão, que se não acabara tão depressa; porém o merecimento de Mirtea não dava lugar a dilatar-se o que a seus louvores se devia. E porque já os seus olhos, que erão da cor do Ceo, & desta os mais fermosos, tinham razão de estar aggravados; disse Umbrano ao Pastor que cantara, que pois a lanfona parecia tão bem na sua mão, que nenhum da companhia se atrevia a tomalla, que lhe pedia pelos livrar a todos desta afronta, que louvasse os olhos de Florisa; ao que elle respondeo, aindaque eu tenho por grande afronta, a que faço a taes olhos, em os louvar, & muyto mayor a vossas partes, em ter essa confiança, he o interesse tanto mais poderoso, que me não sey negar; & tornando a tocar o instrumento disse o seguinte.

*Olhos com que Amor venceo
Coraçoens em justa guerra,
Quem vos vê morre na terra,
Por sobir ao vosso Ceo.*

*Quem avera taõ perdido,
Estrellas nunca entendidas,
Que queyra melhor partido
Que ser dessa luz vencido,
E dar a preço mil vidas.
Quando amor me combateo
Vos só podereis tirarmas.
Nem sey quem se defendeo
Sabendo que ereis as armas,
Olhos, com que Amor venceo.
Vos sois a força, & castello
Donde Amor ao mundo offende,
Vos só fazeis conhecello,
Vos só podereis vencello,
A vos se humilha, & se rende*

*Em vos seu poder se encerra,
E de vossos rayos faz
As setas, com que não erra
Almas em tyrana paz,
Coraçoens em justa guerra.
A cor que do Ceo tomais
Aonde escuro o Sol se por,
Taõ fermosa lha mostrais
Que se aclara, & move mais
Quando se hade ver em vos;
Se sabis a fazer guerra
Quando o rayo poderoso
Por mão de Amor se abre, & cerra,
Vendo hum Ceo q he taõ fermoso,
Quem vos ve morre na terra.*

Mas

Mas que morte desigual,
 Ou que vida tão ditosa,
 Ha que apreço de outro mal
 Possa gozar gloria tal
 Qual em vossos olhos goza:

Se este bem se concedeo
 A humano merecimento,
 Qual ha que não pretendeo
 Ter na terra esse tormento,
 Por sobir ao vosso Ceo?

Não deu o dia lugar a que a musica fosse adiante com os louvores de Lereno; levantarão-se os Pastores a recolher o gado, & elle se apartou de Rifeo até o outro dia. E foy com Pavanio até à sua cabana, aonde ficou por hospede, tão contente da companhia de tal amigo, que o ficara de sua ventura se Amor lhe não tivera em outra parte a liberdade, q̄ sem esta não póde algum bem da vida dar contentamento

FLORESTA QUINTA.



ASSAVA Lereno os dias em a conversação dos Pastores, bem recebido entre elles, & estimado das ferranas da montanha, mimoso de Pavanio; porém nunca esquecido de seus cuydados, dava a estes muytas horas de lembrança, gastava as outras enganando o sentimento, por não parecer pezado a seus amigos, que ora lhe mostravão as grandezas notaveis daquella ribeyra, hora as Pastoras afamadas em fermosura, q̄ nella havia: hora hião espreytar as Ninfas, que naquellas prayas habitavão, gastando o tempo em musicas, & laborosos exercicios nam orados. Huma noyte em que elle velava seus pensamentos, descuydado de outra cousa, que pudesse trazer alegria, tã o cheyo de lagrimas, & suspiros, que do peyto à boca mil vezes se encontravao, em quanto Pavanio dormia, cantava ao som da lua Lyra este Soneto.

Que estado he este meu tão diferente?
 Aonde a força dos males mais insiste,
 Que porque fuy contente de ser triste,
 Nem de ser triste pude ser contente.
 As lagrimas que choro docemente.

Porque

Porque este triste bem nellas confiste
A força do silencio lhe refiste,
Porque o gosto do mal não se acrecente,
Vivo de hum impossivel sofrimento,
E guarda o pensamento contra a morte
O coração, & os olhos nesta magoa,
Sustenta a cada hum seu elemento,
Ao pensamento o ar, a terra, a sorte,
O fogo ao coração, aos olhos agua.

Como o lugar era só, a noyte escura, & passada grande parte della, a voz quebrada dos suspiros imaginava o Pastor que fazia, seguro de ser ouvido, este queyxume; porém outrem, que aguardava aquelle mesmo tempo, para os fazer a ventura, o escutava, que era huma Pastora, a qual pareceo tão bem a tristeza do Soneto, & o sentimento do Pastor, que por conhecer quem seria, se sahio da cabana, & d'entre huns loureyros, que estavam ao pé da de Pavanio, lhe fallou desta maneyra. Obriga a tanto o roubo de huma cousa, que muyto se estima, que me não pareceo desatino este que faço, por te pedir essa tristeza, que me roubaste; porque Soneto tão descontente, só he para meu cuydado, & eu para sentillo; se me não promettes, que nem a lembrança delle te fique na memoria, acufarte-hey de hum furto tão conhecido. Esse que tu querias fazer, discreta Pastora (respondeo elle) consentira eu por vontade, se não fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, & eirallo a hum descontente, que nasceo para padecer todos por seu gosto; se de outra cousa o achares em minha vida, nenhuma te saberey negar. Chamas mal a tristeza (tornou ella,) & he cousa conhecida, que te não está bem a vontade com que me negas; este te agradeço, mas o teu bom intento não tira ser obra muy differente, outra affás leve quero de ti, que me digas, quem, & donde es? Eu (disse elle) sou hum Pastor do rio Lis, a que chamão Lereno, que tu estás bem alhea de conhecer, ha muyto, que vivo desterrado do meu natural, & dos campos de Mondego, vim esta Primavera aos do Tejo, por ver as graças, & gentileza dos seus Pastores, que são.

faõ por todas as partes celebrados, & com razão, pelo que já tenho alcançado dos que vi. Só em hum (disse a Pastora) podias ver nesta ribeyra, quanto a fama podia acreditar, & dar a natureza, & quantos o Tejo tem sem este, nem merecem nome. E porque a Pastora, dizendo isto, deu hum suspiro, que Lerenõ entendeu, lhe disse. Nem a natureza pinta as cousas com mais perfeição, que o amor; & assim será melhor ouvirte, que vello, pelo que te peço me digas o seu nome, & o que mais d'elle se pôde saber, fóra de teu segredo. Esse (tornou ella) fõ em meus cuydados o tenho, que em suas perfeições he impossivel, o seu nome he Auliso. As partes, ainda que com a vista se não sabem contar, porque estão nelle juntas, todas as que o Ceo pelos outros repartio, o parecer do rosto tão fermoso, que se acaba nelle a vista, a graça repartida nos olhos, & na boca tão igualmente, que elles fallão, & ella vê, o corpo tão ayroso, & proporcionado, cada membro com a figura, que parece, que o formou a natureza para exemplo do que sabia, sobre tudo no juizo, brandura, & condição a todos excede. E eu, a todas as Pastoras do Tejo em querer-lhe. Mas quanto tenho de Amor me fakteou de ventura, que nem elle me desfavorece, nem me engeyta, se outrem me não possuir, a quem vivo sujeyta por força, comõ ao meu Auliso obrigada por Amor; & pois este tudo faz parecer mais bello a quem ama, rogote que o vejas, & saberás quanto cortey do que merece, & se acatõ chegares diante dos seus olhos, aonde esta pendurada a minha vida, contalhe, que a passo tão triste, que ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, havendo, que todos os que não soffro por sua causa, fico devendo ao que merece. E no mais, pelo que me vay, guarda segredo, que agora te quero pagar a tua cantiga, & tocando huma frauta que trazia, cantou a espaços o seguinte.

Vida que he contra a vontade

Bem fora melhor perdida,

Ay quem trocara esta vida

Sõ por huma liberdade,

Ay enganado querer,

Engano bem empregado,

Quem deira o que tem tomado

Pelo que não pode ser.

Quanto melhor fora a morte

Que este tormento mayor

A vida

A vida nas mãos de Amor,
E o gosto nas mãos da sorte.

Vivendo sempre em receos
Quando triste os olhos viro
Soltando d'alma o suspiro
Por entre braços alheos.

Outrem goza o doce fruto,
Eu só padeço o cuydado,
Porém gosto tão forçado
Nunca pode durar muyto.

Acabe esta vida em fim,
Deme amorte algum descanzo
Que bem sey que não na alcanço

Porque já fuge de mim.

Corizaõ mostrá teu mal,
Custeme a vida dizello,
E se este mal pode sello
Morra que muyto me val.

Descubrase minha pena,
Que mayor tormento custa
Encobrir pena tão justa,
Que a em que o mundo condena,

Morte he menos perjuizo,
E melhor satisfação
Se for dizendo o pregaõ
Morre Elisa, por Auliso.

A Este canto da Pastora, cuja voz podia enfrear a furia das ondas, & mover os montes com sua brandura, acordou Pavanio, & achando menos ao companheyro, se veyo para onde elle estava, tão esquecido de si com a luavidade da musica, que lhe faltãrão palavras para louvar a Pastora, a qual conhecendo o outro que chegãra, se traspoz por entre as arvores, do que ambos ficãrão bem magoados, & Pavanio pezaroso de ser a causa, a quem Lereno não descobrio, mais que o modo com que alli viera aquella Pastora. E porque já o dia vinha rompendo por entre as pardas nuvens, & as Estrellas se despedião das aguas do Tejo, disse Lereno ao amigo, que determinava ir à praya diante até à cabana de Risco para com elle ver alguns Pastores, que do Mondego conhecia, & que à tarde tornaria ao buscar ao pasto conhecido, o que elle consentio com pouca vontade, obrigando-o a que tornasse cedo, & partisse depois de tirarem o gado, o que ambos fizerão com a vinda do Sol. Porém Lereno, que levava o desejo em saber do Pastor Aulito, pelo que com Eliza lhe acontecera, foy andando ao longo do rio, & à sombra de hum penedo, que na praya estava, aonde nascia huma fonte de entre a area, vio huma companhia de Pastores, dos quaes conheceo Umbrano, & indo-le a elles, o receberão com muyta alegria, que já tinham conhecimento delle, & fazendo-o assentar, forão com o seu

seu passatempo adiante, & tangendo o velho Alcido hama
frauta, outro hum Salteyro, & descantando Ergasto com o ar-
rabil cantarão a trez vozes estas endechas.

E Sperança minha
Nacida à vontade
Como erva danosa
Que entre os trigos nasce.
Crecestes depressa
De pressa secastes
Mas em pouco tempo
Destes novidades.
Segueyvos sem tempo,
E ateyvos muy tarde,
E ao tirar do grão
Grao de mal deyxastes
Vos, & deyxame,
Lagrimas colhi,
Que a terra onde caem
Tambem fica ardendo
Como os olhos ardem.
Colhi pensamentos
Colhidos de balde
Que como são vento
Fazem tempestades.
Colhi presunçoens
Que inda que levantem
Huma alma da terra
Sobre a terra caem
Vos, & deyxayme.

Naõ vos quero naõ
Que as vossas verdades
Quasi sempre mentem
E nunca se sabem.
Este meu Amor
Se creceo com males
Para outros enganoy
He já muyto grande.
Bastem lhe mil annos
E se naõ bastarem
Naõ ba sofrimento
Que para elle baste.
Fuos, & deyxayme.
Se entre os meus desejos
E em mim vos criastes
E a custa da minha
Vos dey liberdade.
He quasi impossivel
Que de vos me aparte
Sem que a minha vida
Primeyro seacabe.
Qual bibora ingrata
Fostes em meu sangue
Que a quem lhe da vida
He força que mate.
Fuos, & deyxayme.

EM quanto elles cantarão, que o fazião com muyto concer-
to, chegando-se Umbrano ao estrangeyro, a quem tinha
muy inclinada a vontade, que elle com igual affeyção de lon-
ge merecia, lhe disse ao ouvido. Parecemme tão bem tuas
cozas, que tenho em grande opinião quem sabe buscallas; &
aindaq̃ lhe tenha enveja, não quero encobrirte desejos alheos,
sabe,

sabe , que estando ha poucos dias em huma companhia de Pastoras as mais fermosas desta ribeyra , a quem deraõ Amor, ventura , & natureza todos seus poderes, tratando-se de questoens , motes , & galantarias namoradas , empresa digna de teu entendimento; houve quem naõ quiz roubar-te este lugar, & suspirou com o teu nome , que todas sabiaõ , da qual lembrança nasceo em ellas hum desejo de te terem presente ; & porque este naõ podia ter effeyto naquella hora , escreveraõ esta carta , que te ou desse, & prometi haver logo a resposta , que te peço , que naõ dilates muyto. Naõ devo eu estimar menos (respondeo Lereno , tomando a carta muyto encuberta) este bem pela valia de quem me dà o lugar , que eu naõ mereço , como por ser fruyto da tua affeyção , que nellas fez nascer estes enganõs , aos quaes eu obedecerey como devo à minha culpa. E porq̃ a este tempo se acabava o canto dos pastores , & muytas Pastoras , & pegureyros do valle se ajuntaraõ, cessaraõ com a pratica por ver Auliso , que alli veo ter , & em sua vista achou Lereno tudo o que a namorada Elisa lhe dissera ; sentados em roda , pediraõ a Lereno , que cantasse ao concerto dos instrumentos , que os tres Pastores tocavão. O que elle fez com igual receyo , & desejo por contentar com a voz , & com a cantiga, a quem com o parecer de sua gentileza a todos contentava , & com os olhos nelle começou esta gloza.

S E foy horas da mesma natureza

S Do tempo vaõ, que passa, & naõ se sente,

Como so no meu mal tendes firmeza,

E tomais natureza taõ diferente

Como assim naõ fugis desta tristeza,

E desta vida em tudo descontente,

Se mais leves fugis, que o leve vento

Horas breves de meu contentamento.

Quanto para subervos me faltava

Naquelle breve espaço, que vos vi,

Como do tempo entã me descuydava

Cuidey que todo fosse sempre assi ;

Quanto fugia o bem , & o mal durava,

Parece-me depois que vos perdi,
 Porque amor a meu mal tudo encaminha,
 Nunca me pareceo quando vestiaba,
 Ay duros, rigurosos desenganos
 A que tempo cortais minha esperança,
 Sabey que em tanta pena, em tantos damnos
 O mal só dura, o bem nunca descança.
 Horas, que para o mal durais mil annos,
 E em meu gosto fazeis logo mudança;
 Quão mal imaginara esta alma minha,
 Que vos visse mudadas tão asinha.
 Tudo em vós se trocou, tudo he mudado
 A vida, o gosto, & o desejo della,
 O rosto, o parecer, o traje, o gado,
 E tambem se mudou a minha estrellas:
 Mudar-se tudo em fim me era forçado,
 Que juiz, não val força, ou cautella
 Para sustentar sempre hum sofrimento
 Em tão compridos annos de tormento.

Ainda o Pastor queria leguir a cantiga, quando ao longo da praya hum pouco atras ouviraõ huma grande grita, & reboliço em hũa juntamento de Pastores, & inquietos por saber o que seria, se alevantarão todos para aquella parte, & Lereno ficando atras com Auliso, os foy seguindo, & chegando à vista, souberão, que era huma luta de dous vaqueyros, que sobre o preço de huma frauta se desafiarão; & os dous Pastores pouco cubiçosos da contenda, se forão o caminho do valle, deyxando a praya; & alli disse Auliso para o estrangeyro, a quem já conhecia, & estimava muyto; por certo, que bem melhoraraõ estas Pastoras a sorte em deyxarem de te ouvir, por ver a luta dos vaqueyros; porèm a desculpa, que lhe val, he que a tua musica enlevava como de Serea, & os gritos daquelles rusticos acordarão como de sono. Elles (respondeo Lereno) perderão pouco em me não ouvir, & eu alcançey o que desejava em te acompanhar, & sabe Auliso, que he tão conhecida a ventagem, que tens a todos os Pastores

desta

desta ribeyra , & tão grande o senhorio sobre as Ninfas , & Pastoras della , que já em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza ; mas vence ella a fama com a vista de tal maneyra , que sentira muyto a perda de te não ver , se esta antes de verte se conheceria ; & pois em pago de huma cousa , que tanto desejava , não posso dar o que devia ; pagartehey com o alheo , ou para melhor dizer com o que he teu , & nascido das perfeçoens com que cativas a todo o mundo. Esta madrugada , que eu poupava das occupaçoens do dia para dar a pensamentos tristes , imaginando , que aquella hora me não negava a ventura , atalhou a meus suspiros huma Pastora , a quem ella a tinha dada , em a qual tudo o que parecia era como o cuydado , que alli a trazia ; esta conhecendo de mim pelo que me ouvira , que era capaz de confianças de amor , me descobrio o que te tinha , & traz isto lhe relatou Lereno tudo o que a Pastora lhe dissera ; ao que elle suspirando respondeo : Se esta divida he para me penhorar de novo ao que mereces , eu confesso , que ha muyto tempo , que te sou devedor , & desejo servirte ; & entende Lereno , que nenhuma cousa ha mais certa de todas as que vemos , do que he não haver ventura de que alguém viva contente ; as razoens sabera outrem melhor , mas eu de mim te digo , que tive muyto da sorte , & natureza , & mereci a affeyção de muytas Pastoras , que a negação aos principaes Pastores do Tejo ; porèm com hum só encontro destruyto amor a minha liberdade , & senhorio , que nunca empreguey affeyção em que outrem já não gozasse o fruyto ; & huma , que o Ceo me deu sem este queyxume , as estrellas com inveja ma roubaraõ para gloria sua. E se alcançar fim a pensamentos he alcançar hum homem de amor o que deseja , que importa , que muytas me procurem , se a que eu amo tem cativo o querer a hum forçoso senhorio ? Não he tão firme o tempo (respondeo elle) que não dê muytos a quem tem obrigada a vontade de quem ama ; & porque eu desejo ver , como já tenho ouvido , a quem te serve , te peço , que me des sinaes para conhecella. Hum te mostrarey (tornou elle) que trago neste peyto , pois ella te descobrio os que tinha nalma , & tirando hum retrato do seyo , cuja porta cer-

rava hum futil cadeado de prata, o abriu ajuntando humas letras, que diziaõ Elifa, como que este nome era a chave do segredo, que alli guardava; & era a figura taõ fermosa, que se lhe representou a Lereno na pintura ouvir a voz, que naquella madrugada ouvira da sua cabana; & depois de louvar com grande encarecimento sua fermosura, lhe pediu licença para cantar seus louvores, aos quaes atalharão alguns dos Pastores, que estavaõ na luta; & porque era tarde, Lereno se apartou d'elle com promessa de o buscar muytas vezes naquelle lugar, & dalli se foy aonde Pavanio apacentava, ao qual em quanto os pegureyros recolhiaõ o gado, contou o que lhe succedera com Umbrano, & mostrou a carta das Pastoras, que guardavaõ da outra parte do Tejo, & aberta continha estas palavras.

Do desejo, que temos de te ouvir, só com obedecer ao nosso rogo te desobrigas, se não for taõ grande trabalho fazello, como o gosto, que nos darás com tua presença, não tardes. E, porque nem da tua cortesia se espera menos, nem nós desejamos mais, que colher fructo de teu celebrado entendimento, d'elle pedimos a resposta com a destas regras.

¶ Contento com padecer

¶ Mais merece, quem se fia. F.

¶ Vivas memórias, mortas esperanças. A.

Com isto chegaraõ à cabana, communicado o gosto desta aventura, que assi como os males são mayores sem companhia, são os bens de mayor valia communicados.

FLORESTA SEXTA.



GASTARAM os dous amigos a mayor parte da noyte com a carta, hera gabando o termo, & concerto della, hora inquirindo a tençaõ das letras, que vinhaõ ao pé dos versos, das quaes não poderaõ conhecer o nome das que as escreviaõ, que este era o legredo, que tinhaõ; porém em fé do que Umbrano

lhe

lhe dissera , respondeo Lereno desta maneyra.

Obedecer a Pastoras taõ fermosas , ainda que sejà em perigos conhecidos, naõ pode dar trabalho a quem nasceo para servillas ; o mayor , que eu acharey na reposta destas regras, he : que para ellas serem boas , basta que vos pergunteis ; & para meus versos parecerem mal , o receo, com que chegarão diante de olhos taõ fermosos ; aonde a nenhum entendimento fica liberdade. A tudo isto nego desculpa , & a vos offereço a vida , & a vontade.

Contente de viver triste. Lereno,

Reposta à primeyra.

Contente com padecer.

*Na vida , nem na esperança
Se muda minha ventura,
E acha em mim tal confiança,
Que quando naõ faz mudança,
Sabe que entaõ m'assegura,
Naõ fia de seu poder,
Que ainda espere algum prazer
Nestes males que me vem,
Mas conhece que me tem
Contente com padecer.*

*Sabe que o gosto do mal
Todos os gostos despreza,
Quando hum coração leal
Sabe entender quanto val
O sentimento a tristeza :
Estes bens que outrem naõ quer,
Anda por mos defender
Amor sò de pura inveja ,
Só a fim que eu me naõ veja
Contente com padecer.*

Mais merece quem se fia.

Outro sentido.

*O temor por natureza
De mulheres em mudanças
He de cautella , & fraqueza
Por em sorte as esperanças,
E em discredito a firmeza,
Quem poem tudo em condiçãõ
De ou seria, ou naõ seria,
Tira à fé, preço , & valia
Pois em credito , & razãõ
Mais merece quem se fia.*

*Fiey do tempo , & passou;
Fiey da sorte , & faltoume ;
Fiey de Amor , enganoume;
Fiey de quem me enganou
Com desenganos matoume ;
Roubarãõ-me em tal porfia
Os sentidos principaes,
E ao espirito que os regia;
Porèm de tres ladroens taes
Mais merece quem se fia,*

Vivas memorias , mortas esperanças.

*O tempo, que já tive de alegria,
 Quand' brotava em flores meu cuydado,
 Huma viva esperança me encobria
 A memoria já morta no passado.
 Agora neste mal , que eu não temia
 Se tem contra mim mortos levantado,
 Depois que Amor trocou nestas mudanças
 Vivas memorias , mortas esperanças.*

EM quanto os Pastores gastavaõ o tempo nesta occupação, hia passando a noyte diffimulada , & elles sem repouso; veio a manhã , tiraraõ o gado , apartou-se Lereno do compa-
 nheyro , & foy a buscar Umbrano à sua cabana ; mas antes de chegar a ella o encontrou no valle : deulhe a carta , pedio-lhe por interesse da obediencia , & cuydado , que tivera da reposta , que confiaste delle os nomes das Pastoras ; porèm o Pastor os calou por entaõ , dizendo , que o fazia por mandado de seus donos ; mas que muyto cedo saberia em sua presença , que era bem diferente informação a dos seus olhos , que as palavras, com que lhe podia dizer , que não eraõ. E porque Umbrano, em servir não queria mostrar descuydo , nem desmerecer pela tardança , apartando-se de Lereno , se foy epperrallas junto do lugar, aonde appacentavaõ , deulhe a reposta , que ellas festejaraõ muyto por quanto a desejavaõ. Lereno depois , que de Umbrano se apartou , cubiçoso de caminhar sem companhia , & entregar seus cuydados ao pensamento , que já lhe estranhava horas de descanso, desviando-se dos Pastores, & da aldea por hum caminho pouco usado ao longo da praya foy parar, aonde huma ribeyra entrava no rio ao pé de dous alamos brancos , que da area se alevantavaõ tão altos, que encobriaõ as pontas no ceo das nuvens, & a hum delles estava atada huma barca , que ao quebrar das ondas se embalançava, fazendo hum triste ruido , & saudoso ; aqui se assentou o Pastor encostado ao tronco, & começou a praticar consigo, cantando desta maneyra.

Men-

Mentiroſas eſperanças
 Miſtros de amor tirano,
 Fiadores de hum engano,
 Que deu tantas confianças,
 Percaõ-se voſſas lembranças,
 Que he bem quejã vos deſpida
 Porque he falta conhecida
 Em quem conhece o ſeu erro,
 Morrer auſente em deſterro
 Tendo em voſſas mãos a vida.

Gostos alheos, que em fim
 Nunca em vos tive direyto,
 Senaõ cabeis em meu peyto
 Para que chegais a mim?
 E ſe imaginais que aſſi
 Vencereis meu ſoſrimento,
 Tomais fraco fundamento,
 Que he paſſado o mor perigo,
 Porque à viſta do inimigo
 Se apercebe o ſentimento.

Lembrança do bem perdido,
 A vós ſò quero, a vós amo.

Por vós ſuspiro, a vos chamo
 Sempre ſou de vos ouvido.

Vamos ao valle eſcondido,
 Onde Amor tem encantado

O fim daquelle cuydado,
 Que eſtã trite alma deſeja,

Que Amor ſó de pura inveja
 Para mim deyxou fechado.

E vos deſejo que auſente
 Quereis viver contra a ſorte

Dando poderes a morte,
 Que contra mim ſe ſuſtente,

Pois tal vida naõ consente
 Eſſe voſſo vaõ deſpejo.

Vede o mal em que me vejo
 Quiçais que fareis mudança,

Porque morta a eſperança,
 Para que he vivo o deſejo?

Ainda Lereno começava o primeyro pè da cantiga, quando hum peſcador, que em oleyto da barca eſtava dormindo, acordou, & levantando a cabeça, foy viſto do Paſtor, que tinha os olhos no rio; porèm naõ ceſſou com a cantiga, nem elle de o eſcutar com muyta atençãõ; acabada ella diſſe o da barca. Deos te ſalve, que bem pagaste hum ſono, de que me tirou o teu cantar, & bofe, que era elle tal, que eſtou para lançar as redes neſte bayxo de area, que atè os peyxes le ajuntaraõ nella para te ouvir; & porque ſe me aſſemelhou no que cantaste, que vivias trite, dizem, rogo-te, de que mal te queyxas, que a quem tantos bens deu a natureza houvera de viver alegre. E mal eſtã o contentamento (diſſe o Paſtor) que amor baſta para deſtruir o ſenhorio da natureza, & da fortuna. Deos te ſuſtente contra elle izenta a liberdade, que nem as agoas valem contra o ſeu fogo. Certo, que te creo (reſpondeo elle) ainda que em mim o naõ experimentaſſe; mas para

mal vâ, quem tantos faz, que já elle em cousas minhas fez forte estrago. Huma irmãa tive tão fermosa, que pudera fazer inveja às Ninfas deste rio, guardava gado no monte, & tinha na Villa tal nomeada, & nas Aldeas, que não havia pegureyro, que não se vestisse loução; por amor della as frautas, sanfoninas, & arrabis do nosso lugar, todas erão na nossa porta, em anoytecendo; alli se fazião os bayles de terão, & as folias de madrugada em sahindo para o serviço; a nossa porta sempre era enramada de boninas do mato, de frutas dos pumares, ramos dos soutos, & de mariscos, & conchas desta praya; tudo por festejarem a Florella, que era o seu nome, & ella tão senhora de si, que tudo tinha em desprezo, até Amor se vingou della; veyo a tomar amores com hum estrangeyro, que aqui viera de bem longe; tratoulhe elle de enganos, & com elles a levou desta ribeyra, aonde já mais tivemos novas della. Hum irmão, que eu tinha, que chamavão Filenio, que tambem escolheo a vida de Pastor, & tinha cabras, & ovelhas em abundancia, & tanta graça, & ventagens entre os guardadores, que todos o buscavão, & querião tanto, que isto aconteceu, foy pelas inculcas, & correo muyta da terra estranha sem os achar; & por não viver nesta descontente, ficou nas ribeyras do Lis, aonde apascentava, & alli lhe aconteceu outra tal com os amores de huma Lisea, que tinha os seus em outro Pastor ausente, & a tal estado chegarão suas esquivanças, que andava como transido, & a ella a ausencia do outro a quem queria, que desapareceo de ante os olhos de Filenio huma manhã, que à sombra de huns ulmeyros a esperava, & imaginando ser convertida em hum penedo, que lhe ficou diante, perdeo com isto o sentido, & os parentes da Pastora as esperanças de cobralla. Em fim, que Filenio vive agora nesta ribeyra como alienado, esperando saber o que he feyto da sua Pastora, ou para melhor dizer do seu juízo; & daqui veràs a razão, que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bens que tinha para a vida. Como Lereno ouvio fallar em Lisea, & Filenio, que era o Pastor, lhe levãra a carta aos campos do Mondego, a quem elle a trocãra, deu hum suspiro defacordado, & logo lhe veyo à lembrança, que Lisea podia

dia estar no valle desconhecido , & por encobrir sua payxão ,
confolava a do pescador , que bem triste acabàra a historia ;
& despedindo-se d'elle com amorosas palavras, se veyo afastan-
do da praya atè se assentar entre humas paredes cubertas de
mato, onde nascia huma fonte , que com escuro som em nas-
cendo, se escondia debayxo da terra, & alli quasi esmorecido
adormeceu por grande espaço de hum sono profundo , em o
qual se lhe representou , que vira a sua Pastora junto a elle,
como desatinado acordou , & vendo o engano com que a fan-
tezia o castigava , tirando a sanfona cantou esta gloza.

*Olhos , que abertos não vedes ,
O bem que cerrados vistes ,
Dizey porque vos abristes?*

*Aquelles gostos escaços
Enleos da fantasia ,
Que no tempo que dormia
Me fugirão dentre os braços;
Porque não nos merecia
A graca , & a ferm sira,
Que entre estas t. f. as paredes
Da noyte se me afigura;
São thesouros da ventura
Olhos, que abertos não vedes.*

*São as glórias, que Amor tem
A seus bemaventurados ,
E são thesouros guardados,
Que nenhuns olhos os vem,
Senão depois de cerrados.*

*De que servia acordar
Para ver magoas tão tristes,
Fã que depois de sonhar
Abertos se ha de cerrar
O bem que cerrados vistes ?
Quem tal sonho não perdera
Ou nelle a vida acabara ;
Ah quem sonhando vivera,
E se na morte acordara
Do que sonhou se esquecerá!
Dizey olhos enganados
Se este tempo que dormistes
Tantos bens vos forão dados ,
E se os gozaveis fechados
Dizey porque vos abristes ?*

QUando Umbrano deyxou em mãos das Pastoras a repof-
ta de Lereno , & tornou ao costumado pasto de seu re-
banho , vieraõ ellas cantando ao longo do rio , com os caja-
dos de sangninho , & grinaldas de flores sobre os cabellos ;
& vestidos vaqueyros de diferentes cores , & assim chegarão
a aquelle lugar, aonde o estrangeyro adormecera , a tempo ,
que o viraõ despertar do sonho , & ouviraõ a sua cantiga , a
quall

qual acabando elle se alevantou com hum suspiro dizendo: ah nunca houvera no mundo defenganos; ao que huma das Pastoras respondeo, que vestia de branco, faltara a melhor cousa, que ha nelle, porque não sey eu mayor mal que viver enganado; quando o Pastor vio quem lhe fallava, & as companheyras ficou enleado, assim de seus trajos, & fermosura como de imaginar, que diria entre sonhos alguma cousa, que o descobrisse; & porque nem elle, nem ellas se conheciaõ, depois de as saudar lhe tornou, pode ser, fermosa Pastora, que o pouco, que sabeis de males, fará, que volo não pareçaõ experimentados em outrem; porèm eu, que à minha custa o sey, digo, que mal haja o defengano, que sem elle nenhuns males fizera amor. Porque? (perguntou huma, que vestia de verde.) Porque amor (respondeo elle) affeyçoa, & obriga; o engano sustenta, contenta, & satisfaz; o defengano, destroe amor, aparta vontades, & muytas vezes mata. Que mal pode sentir quem vive enganado, se tem na opiniaõ tudo o que de seja? Ditoso o estado de quem vive de enganos, & ditosa a vida, que com elles se sustenta, pois não sente semrazoens, crueldades, ingraticadoens, ciumes, & esquivanças? E julgay se huma Pastora pode viver descontente, a quem amor engana até com seu proprio parecer? O meu he diferente (disse a primeyra) porque nenhuma cousa ha mais segura, que a verdade; nenhum bem mais perigoso, que o que contra ella se sustenta; porque como em fim sempre he conhecida, todos os enganos noem por terra; & a queda de quem nelles vivia se sente mais, do que viver defengano, como te agora aconteceo com o sonho, que todos os enganos o saõ. Nisso vereis (respondeo Lereno) que não tem elles mal nenhum, senão o que lhe faz o defengano, que he acaballos; porèm em quanto duraõ, esse tyranno os não persegue, daõ contentamento, & porisso me queyxo do que agora me tirou, que se não acordara em suas mãos, dormindo achara na ventura, o que não alcançey, quando me desvelava; & porque neste tempo ouviraõ huma vóz, que por detraz da fonte vinha cantando, suspenderaõ a pratica por verem cuja era, & ouvirem a cantiga, que dizia.

Se de meu mal vos doeis,
 Meu bem, porque mo negais,
 Meus olhos não mos quebreis.

Pus de sorte a liberdade
 Pastora em vosso querer,
 Que nada a vontade quer,
 Senão for vossa vontade.
 O bem que vos não quereis,
 Me he damno muy desigual,
 E no mal que me fazeis
 Não ha mor bem que meu mal,
 Se de meu mal vos doeis.
 Minb' alma tendela já
 Na prisão de vosso rosto,
 Meu bem esse he vosso gosto
 Minha vida em vos está,
 Meu coração não queyrais

Que viva do que padeço,
 Dayme a gloria, que roubais,
 E se este bem vos mereço,
 Meu bem porque mo negais.
 Confessayme o que vos quero,
 E na mesma obrigação
 Mostrara claro a razão,
 Que me deveis o que espero,
 E ainda que injustamente
 Se com gosto me offendeis
 Todo o mal bem se consente,
 Deyxayme os olhos sómente,
 Meus olhos não mos quebreis.

MAis servio a cantiga de ocupar os ouvidos, que de os deleytar com a brandura do que cantava, que logo atraz ella appareceo, & era hum ovelheyro, cuja voz parecia, desengraçado no parecer, & no vestido, com o currao da pelle de hua cobra manchada, cingido có hua correa de porco mótez, & por cajado hum bastão de era torcido em duas voltas, & a espaços vinha tocando huma gayta de tres canas, & chegando aonde as Pastoras estavam, as laudou muyto confiado, & Lereno disse para ellas. Por certo, que canta o ovelheyro como podia esperar delle quem o vira. Se tu (respondeo elle) te atreveres em porfia a competir comigo, o que sey, que não farás, não quero mais seguros Juizes, que estas Pastoras, nem mayor preço, q̄ vencerte diante dellas, fazendote confessar, q̄ a minha Capralia he mais fermosa, que todas tres, & eu digno de servir a mais fermosa, que nasceo no Tejo. Essa derradey-ra te confessarey eu sem cantar (respondeo elle.) A' primey-ra responderão estas pastoras, porque me parece que lhe faço aggravo conhecido em acreditar contigo sua fermosura. Só pelo não tornarmos a ouvir (disse a do verde) confessaremos tudo

tudo o que quizer, & se for necessario dizer, que he ayroso, & gentil-homem a mim mo parece. Não tenho eu isso por novidade (replicou elle,) que já a outra mais louçãa o pareci, & se aqui vira coula, que me enchesse os olhos, ouvera de delafiar a hum bayle villão a este pegureyro. Não faltão figas (tornou ella,) mas quem te queyra ver dar voltas, que não seráo para ver senão com os olhos tapados em outro lugar, que tu mereces. Pois sois tão parvoas (disse elle) ficay neste como vos mereceis, que eu vou buscar quem tem outro parecer, & com isto tomou o caminho para o rio, tangendo a sua gayta, & as Pastoras não podiaõ sustetar o rizo de o ver tão cõfiado, & cõtete de si. Não he muyto (disse Lereno) pois aquelle vive enganado, que seja alegre. Antes (tornou a do branco) quizerá todos os males do desenganado, que o estado daquelle, pois só lhe serve para a sua opinião Todos (replicou Lereno) vivem da tua, & para si, & porque eu não sigo esta regra, vos não quero cançar em porfias, porque de mim a verdade he que vivo desenganado, & contente de viver triste. Esse nome (disse a do branco) há pouco tempo que eu tenho por alheyo, salvo se tu es o Pastor Lereno, de cuja mão o eu vi afinado. Estimo (Tornou elle,) que me conhecesses peia tristeza, & pois vos não nego, que sou Lereno, consenti, que sayba tambem o voffo nome. As Pastoras, que o conheceraõ, lhe fizeraõ muyta festa, & lhe mostraraõ a carta, que Umbrano lhes dera, & com muytas palavras, em que lhe mostravaõ a affeyção, que tinhaõ a seu nome, & outras de muyta cortezia, deyxaraõ a fonte, & forão ate às cabanas das Pastoras, & ao pè de huma faya, que estava junto a ellas, lhe pediraõ, que cantasse alguma coisa do desenganado à conta dos males que lhe alevantara, & elle por lhes obedecer, tirando a sanfona cantou este Soneto.

Desenganado esta meu pensamento

Do que esperar podia da ventura,

A vida jò no mal vive segura,

Nem desconhece a pena o sofrimento.

Dos bens que desejey sem fundamento

O coração remedio não procura,

Porque

Porque quem para os males tanto atira

Converte em natureza o mor tormento.

Ah bemaventurado desengano!

Ah se de huma esperança me livrara

Em que agora meu mal todo consiste.

Se na força mayor de tanto engano

Esta vida tambem desenganara,

Que a morte foge della porque he triste.

Posto que Lereno antes de se apartar quizera obrigallas a que cantassem do engano, era já tarde, & deyxarão seus louvores para outro dia, que para os gostos, sempre o tempo falta, & para os males até a vida cresce.

FLORESTA SEPTIMA

NAM perdia Lereno a lembrança do que lhe contara o pescador, & cada hora imaginava o que podia ser de Lisea, se tornaria ao valle desconhecido, para onde já sabia o caminho, porém tornava a cuidar, que ficara cerrado, & ella avifada, que por alli não tornasse, pondolhe em condição perder a vida em quanto estes cuydados o combatião, negandolhe de noyte repouso, & de dia sossego, se chegava o em que o labio Astreo havia de dar suas repostas aos Pastores, & estando Lereno com seu amigo Pavano à vista do rebanho, que pascia à sombra de huns alamos desviados da praya, lhe perguntou elle quem era o labio, & aonde vivia, que desejava por extremo saber a sua morada; assim para se aproveytar de seu saber, como para ver cousa tão estranha. Em as terras dalem do Tejo (diste o Pastor) entre aquellas confusas penedias, que assombrão o rio, que com portozos combates da furia das ondas, vay desfazendo sua dureza no fundo de hum valle, escondido no seyo da terra, fresco de fontes, & ribeyros graciosos, povoado de muytas arvores diferentes nos ramos, & na altura, está a casa do labio Astreo, em todas as ribeyras da Lusitania conhecido pelo muyto, que alcançou das Estrellas, do movimento, & ordem

ordem dos Ceos, da virtude das ervas, da natureza das pedras, da propriedade dos animaes, dos segredos da Aves. E porq̃ por razão de seu continuo estudo, & pela importunação dos Pastores vizinhos se cõmunica a elles muy poucas vezes, todos os annos em hũ dia já conhecido dos Pastores, respõde aos de q̃ he consultado naquella estranha morada, & porq̃ està muy perto este desejado tempo veràs nesta ribeyra muytos Pastores de differentes lugares, do Tejo, Douro, Minho, & do Mondego, que esperaõ delle reposta as suas perguntas. Por certo (disse Lereno) que me contas cousa estranha, & que para mim não podia ser outra de mayor espanto, nem que mais desejasse ouvir, porque já me não tirará nenhuma cousa ver esta estranheza; porẽm como he possivel, que hum homem humano tenha dos outros tanta differença? E sayba às vezes mais dos Pastores, que elles de si? Porque (disse o outro) o saber levanta hum homem não só sobre elles, mas sobre as Estrellas. Sempre ouvi, que era grande thesouro (tornou elle,) & tambem o velho Menalca na nossa ribeyra, não ha mal de olhado, ronha de ovelhas, & doença do armentio, a que não dẽ remedio, nem Pastor tão desconfiado de seu mal, a que não atine com a cura melhor, que os Mestres da Villa, & na minha doença, a ousadas se atinou a verdade. Nesta pratica estavam os dous Pastores, quando virão, que do monte descia Auliso, Umbrano, Rifeo, & outros Pastores, & Pastoras, & ao som de muytos, & differentes instrumentos cantavão estas endechas,

Pelo valle abayxo

Vão huns dios negros,

Que a quantos encontrão

Todos levaõ prezos.

Vamos ver Past-res

Cousa tão estranha,

Que vem da montanha

A matar de Amores;

Vem tão matadores

Com poder de Amor

Que não ha Pastoe

Que se atreva a vellos

Que quantos encontrão

Todos levaõ prezos.

Trazem mor alçada

Mena jurdição

Nenhum



CORONA
ALDEA
T. I.

Sa
Es
Ta
N.

CF
F
4
22